ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Sciências de Lisboa

Gente da rua

(NOVELA)

«Não se corta ao Destino a garra adunca
Uns teem na fronte o sêlo da desdita
Outros... os outros, não nasceram nunca»

N. DE LACERDA.

9.° MILHAR

Editôres—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, RUA DOS RETROSEIROS, 125
LISBOA

Gente da rua

3.ª EDIÇÃO

Editôres — *Santos & Vieira* — Lisboa
Tip. da Imprensa Portuguesa
Rua Formosa, 112, Pôrto | MCMXX

OBRAS DO MESMO AUTOR

(Edições de Santos & Vieira)

Palavras cínicas	(1905) — 24.º milhar
Crónicas imorais	(1908) — 7.º milhar
Lisboa trágica	(1910) — 12.º milhar
Prosa vil	(1911) — 6.º milhar
Gente da rua	(1914) — 9.º milhar
Grilhetas	(1916) — 6.º milhar
Vidas sombrias	(1917) — 6.º milhar
A Avalanche	(1918) — 4.º milhar
Jornal dum rebelde	(1919) — 4.º milhar

Para breve:

Cosmopólia

Albino Forjaz de Sampaio, *escôrço bio-bibliográfico*, por João Paulo Freire (Mário), 1 vol. ilustrado.

L Por
F7218g

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

Gente da rua

(NOVELA)

«Não se corta ao Destino a garra adunca
Uns teem na fronte o sêlo da desdita
Outros... os outros, não nasceram nunca.»

N. DE LACERDA.

9.º MILHAR

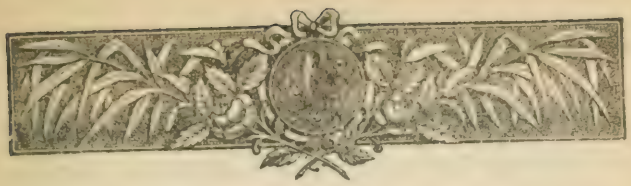
347879
3.38.
14.

EDITÔRES—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, RUA DOS RETROSEIROS, 125
LISBOA

A

Bento Mântua

Á sua obra.
Á sua grande amizade.



«Se eu quisesse sacudir esta árvore com as minhas mãos não poderia; mas o vento, que não vemos, açoita-a e dobra-a como lhe apraz. Também a nós outros, mãos invisíveis nos açoitam e dobram rudemente.»

NIETZSCHE.

«As catástrofes e as felicidades entram e saem como personagens inesperados.»

VICTOR HUGO.

I

SEXTA-FEIRA, à tarde, fôra declarada a greve. E, agora, têrça-feira, decorridos quatro longos dias de incerteza, a situação não mudara. Os operários teimosos, numa teimosia amassada de orgulho e utopia; os industriais intransigentes, vociferosos contra a servidão rebelde; o govêrno vendo no que parava a questão para intervir alfim.

O ambiente estava cheio de ameaças e a cidade tinha o ar meditabundo e preocupado dum homem a quem nasceu um furúnculo sob o colarinho. Não era graça. Os operários em greve faziam multidão passante de duas mil cabeças, segundo o cômputo estatístico dum industrial habituado a negociar em reses. E o burguês ao sair de casa encontrava olhos machadantes, faces pálidas de miséria e ódio, que êle só se acostumara a ver barbeadas e amestradas, pacíficas, serenas. Nada, aquilo não ia bem. E, burguês amigo, se merceeiro, deitava um pouco mais de tremoço no café e lixo na pimenta, se jurista, elevava um pouco mais a taxa do desconto, exactamente como os grandes bancos europeus em vésperas de conflagração.

Nesse dia, às 3 horas, Silvino, *repórter* de *O Agitador*, diário anarquista, ao entrar na sala da redacção, ao Bairro Alto, soube

que o serviço que lhe fôra marcado era ainda a greve. E depois de engulida a meia desfeita, o meio pão e os três decilitros e escorripichado o caldinho obrigatório, que na taberna do Alfaia lhe servira de jantar, como fôsse já noite encaminhou-se para Santo Amaro onde os grevistas assembleavam. Ao mesmo tempo que calcorreava a calçada dos Paulistas maldizia como Job o dia em que nascera. Não o fazia por filosofia, também o não fazia por má digestão, que o seu estômago de faminto digeriria pedras quanto mais o envenenante azeite do tempêro. É que levava uma vida amarga, caramba! Depois Santo Amaro era longe, um estirão. Dinheiro para carro não havia e as botas já faziam estúpidos sacrifícios de confraternização com os pés. E depois, sim, para quê tudo aquilo? ¿Que faziam êsses estúpidos operários em lutar? Pois não ficariam vencidos? Iam ficar esmagados,

os tontos. Botas rotas, fato no fio, êle não tinha alma para revoltas. Sabia bem que, «com teu amo não jogues as peras». Os patrões iriam menos vezes ao teatro e fariam a menos uma viagem ao Thibet; os operários não tinham êsses luxos para cortar. Comeriam a menos uma posta de bacalhau e deixariam tranqüila a carne no açougue.

Silvino estava hospedado em casa do Lopes, um dos assanhados grevistas e ainda de manhã a mulher dele lhe dissera: «Imagine que já não tenho que empenhar. Não sei para que serve tudo isto. Êles hão-de vencer!» E naquele *êles* resumia todo o seu desalento, todo o fatalismo da sua servidão. O Lopes com aquela endrómina de greves só estragaria a vida, nada mais.

Pampulha, Praça de Armas, Largo de Alcântara. Rememorava a sua vida de aprendiz de vários ofícios, de estudante, de professor, que também ensinara coisas êste famélico de

botas cambadas. Agora *O Agitador* dava-lhe dez mil réis por mês mas êle já além do ordenado devia seis mil e quinhentos na administração. E devia-os porque o sr. Nogueira, o administrador, lhos fiara, sabendo da sua tragédia. Mas quinara, que nem mais um real. Nogueira já tinha um nariz tremendamente administrativo e falava em responsabilidades...

Não valia pensar em coisas tristes e abriu uns olhos espantados. Acordara. A luz crua da Casa do Povo focara-o, como o projector dum holofote. Ia a atravessar a linha do caminho de ferro quando a cancela correu. Ao longe surgiu o ôlho dormente, a pupila sangrenta dum combóio de mercadorias, que passou roncando, estrupidando ferragens. Por fim perdeu-se na noite e êle passou o Mercado, acachapado e negro, regorgitante de locandas e de gente.

Passado o *hangar* dos eléctricos meteu

por uma das ruas que levam à praia. Era ali, num vasto celeiro, que os operários se reuniam. Era ali que noite e dia uma multidão embrutecida, esperava. O quê? Nem ela sabia. Era uma casa comprida, sustentado o teto por traves, na parede candieiros de acetilene. Os oradores subiam para cima dum caixote e dele diziam de sua justiça. Ia falar Cláudio, Cláudio Costa, o orador amado daqueles auditórios, e um dos fomentadores do movimento. Uma dúzia de braços substituiu o caixote por um casco vazio e foi nêle empoleirado que, após o «Companheiros e amigos» contumaz, Cláudio começou:

«Há cinco dias já que vivemos de restos de pão e fatias de justiça. Não tarda que a fome bata à nossa parte. Por culpa de quem? De quem tudo tem, tudo quere e tudo pode. Por culpa dos patrões, por culpa dos senhores. Que somos nós? Escravos. Escravos do trabalho que nos regateia o pão, servos eter-

nos da miséria que faz de nós sêres inferiores, abjectos, desprezíveis, rebotalho de gente, canalha emfim. Há cinco dias que lutamos, sofremos, esperamos. As comissões encarregadas de negociar com os patrões teem encontrado da parte dêstes um orgulho indomável, uma intransigência feroz. Pedimos, não nos quiseram ouvir. E aqui estamos, canalha vil que espera.

«Isto, porêm, não pode continuar, isto não continuará. ¿Então como pode ser que nossas mulheres, nossos filhos tenham frio, emquanto êles, as mulheres deles, os filhos deles, se aquecem a fogões eléctricos e se envolvem em mantas caras? ¿Como pode ser que nós morramos de fome emquanto êles tôdas as refeições deitam aos cães, refeições de milionários? Somos peor do que os cães. Somos a escumalha, a ralé. Isto está bem repartido não haja dúvida! Para nós a Fome, o Frio, a Miséria; para êles o Gôzo, a Volu-

ptuosidade, a Alegria. Para êles o automóvel é o ninho que delicia, para nós o progresso que nos esmaga. Comemos a mêdo, bebemos à ração. Mas que comemos? Que bebemos? Pois? Vivemos de café. Vivemos e morremos pintando o estômago com essa mijoca ignóbil. Falam-vos em direitos, deveres, na lei, no diabo. Tudo lérias que os finórios inventaram para comer os tolos. Temos a Fome à porta. Não temos mulheres porque cada noite de gôzo nos custa um filho. Não temos alegria. Porquê? Porque no-la roubaram êles. Teem a nossa alegria fechada nos seus cofres fortes, aferrolhada, como teem aferrolhado o nosso pão. A vida é só uma. Êles são mais fortes, nós somos mais fracos. Não nos querem ouvir? Não nos querem atender? Pois sacudamo-los para que nos sintam, berremos-lhes aos ouvidos para que nos escutem. Sim. A gente quere viver, a gente quere paz. Os nossos filhos nunca se-

rão mais do que escravos como nós, as nossas mulheres nunca deixarão de ser magras, de grandes peitos vazios e caidos onde um petiz que todos os anos se renova não deixa de chuchar. Não, caramba! É tempo de acabar. Êles teem a fôrça? Pois matem-nos. Deem cabo de nós duma vez. Não pode ser, não queremos que seja. É indigno de homens esta agonia surda, injustificável, terrível. Vamos a êles para que ao menos nos exterminem.

«Mas nós não estamos sós. Isto não é só deles. Escutai. Vem lá de fora um rumor longínquo que é o brado de cem milhões de vozes. Que quere, que pede êle? Pede pão. É a Europa, a Austrália, a África do Sul, a América. São os mineiros, são os cavadores, são operários. Vai de pólo a pólo a miséria. A fome paira e espreita como um imenso abutre, um colossal condor. A greve é pois o protesto...»

E de baixo, um mar de cabeças soturnas estremeceu, ondulou, e interrompeu-o num rouquejo, num clamor, num trovão:

— Á greve! Á greve!

Cláudio foi arrancado da pipa e trazido aos ombros em apoteose. Havia punhos erguidos, expressões de ferocidade. O vento soprava a luz que fumegava e ramalhava a grande cabeleira das árvores que scismavam. Perto, no cais, soluçava o mar, misteriosamente.

II

O DISCURSO de Cláudio tivera larga retumbância. Mas era o anarquismo? Que queria êle? perguntavam as fôlhas conservadoras escorrendo indignação. Mas então a polícia dormia? E a Ordem? Onde estava a Ordem? Podia permitir-se aquilo? ¿Com que direito se perturbava a digestão duma grande cidade? Mas era o roubo, o assassínio, a invasão de bárbaros, a propaganda pelo facto. Desafectos ao govêrno alguns jornais diziam que «era o principio do fim». E pediam voluptuosamente a cabeça de Cláudio como outrora

Salomé a cabeça do Baptista. Pediam também a queda do ministério. *O Agitador* fizera suplemento, descompunha o capital e asseverava com a autoridade de Max Stirner, um lunático morto há muitos anos, que «o mundo não terá paz emquanto não fôr enforcado o último dos reis, nas tripas do último sacerdote». E vendeu mais quatro mil exemplares.

Cláudio, com o ruído que se fizéra à volta do seu nome, tomou a comandância do movimento. Instalara-se na Casa Sindical; não descansara todo o resto da noite, e aquele dia passara-o em discussões e conferências. Fôra ao Governador Civil, ao Comandante da Polícia e faltava ouvir os patrões a quem êle enviara o Tôrres, o delegado Tôrres, seu lugar-tenente. Êle traria na resposta a paz ou a guerra.

Cláudio todavia preparava-se para a guerra. Emissários iam, vinham, tornavam

a ir com instruções. Um automóvel, ao serviço da greve, buzinava através da cidade desconfiada e ansiosa. Tôdas as classes esperavam. Em tôda a parte o simum-verbo do agitador fazia devaste. E as exigências formavam cordilheira. Ah! que domônio. Era o despertar.

Foi, pois, pela meia-noite de quarta-feira que, esbofado, Tôrres entrou com os resultados. — « Não transigiam. Nem mais um chavo. Fôssem para a estrada, caramba. De-certo queriam que êles pedissem esmola... »

Cláudio ouvia e tôda a sua má vontade então explodiu:

— Ah! êles não transigem? Querem então a nossa carne? Querem *gigot* de miserável? Pois tê-lo hão. O sangue deles será o môlho. ¿Então êsses filhos da puta não querem dar mais? Não podem, hein? Mas podem sustentar às três amigas e ter cadelas

de estima vestidas de sêda. Não podem dar mais, os malandros?!...»

E foi assim que a greve geral foi decretada para o dia seguinte.

Se Cláudio e o operariado se mexiam, o burguês espiava. Á roda dos operários um ou outro corvo policial recovava notícias, ratinhando-as à miséria de algum traidor. No Govêrno Civil sabia-se tudo. O Conselho de Ministros estava reunido e havia luz em tôdas as repartições importantes da polícia. *O Agitador* anunciava para o outro dia a parada da fome, em artigo de Cláudio.

«Não transigiram? Pois bem, façamos a parada da fome. Será uma demonstração de fôrças. Não será meia dúzia de maltrapilhos. Serão cinqüenta mil homens, cinqüenta mil servos das máquinas, cinqüenta mil eternos espoliados. Serão cinqüenta mil almas, cin-

qùenta mil estômagos, cinqùenta mil bôcas. Serão cem mil braços. Á frente a nossa guarda avançada de vítimas. Os estropiados do trabalho, os mutilados do engenho, os amputados, cegos, tísicos, coxos, os inúteis. Ah! formidanda e palpável acusação. Depois, depois iremos nós e connosco a justiça de nossos protestos. O público juiz verá, a cidade saberá de que razão são amassadas as nossas pretensões».

Foi na manhã do outro dia, uma manhã nevoenta e húmida como a que Camilo descreve para justiçar a marquesa de Távora, que as embocaduras das ruas acordaram guardadas por piquetes de cavalaria da guarda municipal. Patrulhas percorriam a cidade e nos quartéis a tropa tinha o dedo no gatilho e o pé no estribo. A multidão grevista, que desde muito cedo convergira ao Beato, aí por volta das 11 pôs-se em marcha para a

cidade. Havia de tudo. Tecelões e caldeireiros, descarregadores e fundidores, torneiros rudes como ciclopes, mirrados operários dos tabacos, esverdeados pintores, curvos polidores, uma variegada e perturbante *kermesse* humana, um estranho exército à frente do qual marchava efectivamente uma legião de coxos, amputados, estrábicos, tortos, restos de gente avançando de muletas, tísicos, rôtos, famintos. Era aquilo a guarda avançada de estropiados. E arripiava aquela nota inconfundível de desolação e miséria sob o céu plúmbeo e carrancudo. Um lívido, duma palidez de asceta de retábulo, vinha apoiado a uma rapariguita de chale negro e cara de fome. Um coxo avançava marcialmente com uma garôta de caracóis loiros encavalitada nos ombros.

Após vinha um pendão negro onde a letras brancas se lia: *Queremos viver. Pão e trabalho!* E ao lado, forrado de crepe, um

tambor rufava soturno, como nos cortejos para a fôrca. Depois vinha finalmente uma inenarrável bicha humana, sem gritos, sem barulho. Dir-se-ia um entêrro enorme. Era uma multidão morrinhenta e sombria que parecia não mais acabar de passar, uma *boa* gigantesca que começasse desdobrando os seus anéis. Veio ao Caminho de Ferro onde no largo a esperava um forte destacamento de cavalaria. Todavia o cortejo passou calado e lúgubre com a voz de luta do seu tambor enchendo de espanto as ruas da cidade. Havia um desusado aparato de fôrças. Mas nem um grito, nem uma perturbação. Ante os cavalos, imóveis como estátuas de Collone, os operários apertavam, chegando-se mais uns aos outros. Olhavam e seguiam. Na face dos municipais não havia um pestanejo.

Chegou assim o cortejo à Baixa. O primeiro movimento da cidade, ao saber que êles formavam, foi de incredulidade. O sa-

ber que a testa da marcha vinha já ao Terreiro do Paço enchera-a de espanto. Então êles sempre vinham? E esperavam-se acontecimentos graves. Aquilo precisava uma lição, dizia na loja das Águas o nosso amigo Faustino. Podia lá ser?! Ao grito de «lá veem êles» os ourives desandaram a correr as portas onduladas, o comércio pôs taipais, foi como que um salve-se quem puder. Um ou outro mais animoso aventurou-se a colocar-se à frente da porta ondulada como para a proteger. Era a fome que passava. E os que ficavam imobilizavam-se ao ver passar aquela légua-da-Póvoa de gente tristonha, macilenta e pacífica, com um ar digno de pobres diabos. E foi uma decepção. ¿Então êles não roubavam, não assaltavam? ¿Então êles não traziam navalhas abertas, nem alavancas para o saque? E assim sob o espanto dos cidadãos e a espada nua dos pretorianos,

que a cavalo vigiavam as embocaduras, o cortejo chegou ao Rocio, tomou a Avenida e dispersou, escoando-se em ranchadas para o seu covil. Se o rumor da bicha humana tinha aterrado o burguês, não tinha conseguido demover os industriais. Durava a dança havia uma semana e já alguns operários tomando o saquitel se dirigiam às oficinas e fábricas onde como réprobos entravam entre chufas e vaias dos camaradas intransigentes. Em Alcântara, na fábrica do Quaresma, é que se deram os primeiros acontecimentos graves. Foi quando o Tôrres, o delegado Tôrres, com dois polícias ao lado se apresentou. Então chamaram-lhe canalha, pulha, vendido. Atiraram-lhe pedras, e até uma mulher com um garôto ao colo, enchendo as mãos de excremento da rua o sujou de bosta de alto a baixo. Socado, pontapizado, o Tôrres lá conseguiu entrar o portão de ferro da fábrica que após

êle se fechou, emquanto cá fora a multidão uivante corria à pedra os polícias. Os vidros da fábrica voaram num retintim fragoso ao passo que no ferro do portão as pedras tocavam bombo e arrancavam o verde da pintura. Não tardou, porêm, que num tropear de carga a cavalaria subisse a rua. Foi recebida à pedrada, entre morras e assobios. Parecia um fim de mundo. Espadas desembainhadas, os cavaleiros acutilavam sem piedade. E emquanto a turba dispersava fugitiva em tôdas as direcções, um estampido de dinamite abalou tudo. Ouviram-se tiros. Havia já no chão alguns maltrapilhos e foi quando a um toque de corneta a fôrça se uniu para voltar a carregar sob uma chuva de pedrada que vinha da rua, das janelas, do céu. Agora era o exterminio. Aquela massa de homens e cavalos passou limpando tudo emquanto recolhida numa porta a megera indignada com o petiz numa trouxa, o lenço caído no

pescoço, esbofada e esguedelhada, erguia o punho fechado e dizia para a tropa uivando: Assassinos, assassinos! Corja! Cambada!...

Houve prisões. Cláudio fugiu. A greve terminou. A mulher do Lopes falando com Silvino disse: «Vê. Aí está. Pobres dos pobres. Para que foi tudo isto? Êles haviam de vencer. Êles vencem sempre!» Os jornais da oposição tiveram o seu pratinho que o govêrno caíu. E quando ao outro dia o sol despontou, nada restava de tudo aquilo. Nem refregas, nem ódios, nem clamores. A cidade voltara a viver a sua vida costumada.

III

Cláudio não fôra preso porque Silvino, que no *Agitador* fazia o serviço da polícia, lograra ver sôbre a secretária dum dos chefes o mandado de prisão. Prevenira-o, e como era seu amigo, como o visse atrapalhado, fôra êle mesmo quem lhe deitara um varino pelos ombros e o levara a casa dum amigo seu de idéas avançadas, operário do Arsenal, Joaquim Guerra de nome, e *Algarvio* por alcunha, ou Joaquim Algarvio, como era mais conhecido. Morava lá para o pátio do Torcato, à Fonte Santa, um vasto aglo-

merado de casas térreas, espécie de vila, para onde se entrava por uma ruazinha estreita e empedrada. Ao fundo um largozinho onde um sapateiro e um carpinteiro de carros tinham oficina. O sapateiro assobiava todo o dia, o carpinteiro batucava numa barulheira infernal. E como se isto não bastasse, como demonstração de que no pátio se vivia, às vezes elevava-se um chôro atordoador dos garotos que guerreavam e se aqueciam ao sol quando as vizinhas se não catavam ou descompunham. A primeira casa da entrada, mais retirada por isso, era a do Algarvio, duas casitas de fora, cozinha e outras duas casas interiores que lhe custavam quatro mil réis cada mês. E era êle, mulher e duas filhas.

Silvino levou pois Cláudio até lá. O Algarvio jantava um caldo que fumegava e cheirava deliciosamente. Admirou-se de ver Silvino, que conhecia de infância, pois fôra

vizinho da família, por ali. E apenas êle disse ao que ia, o Algarvio, homem resoluto e são, acedeu imediatamente. Cláudio ficava. Não sairia de dia. O dia passava-o a ler. Êles lhe arranjariam livros e jornais. «Mas... mas o diabo eram as pequenas. Como demónio!...» e aqui o Algarvio coçava a cabeça em busca de saída.

— Mas arranja-se! Vai a Elisa para casa da avó. A Delmira dorme na cama grande e aqui o nosso amigo Cláudio fica no quarto das pequenas. Que demónio! é deixar passar a trovoada!

E nessa mesma noite, emquanto a Maria Antónia, a mulher do Algarvio, ia acompanhar a Elisa a casa da avó, lá para Santa Isabel, debalde os galfarros da polícia procuravam Cláudio. — Tinha visco o ladrão. Deralhe um ar, concluiam apresentando as mãos vazias a quem lhes encomendara o sermão.

Cláudio ali ficou, pois, e no outro dia de

manhã começou para êle uma vida nova. Era um homem baixo, atraente, barbicha em bico, dum negro asa de corvo, cara rapace de espertalhão pechincheiro. Do seu passado ninguêm sabia. Silvino, seu íntimo amigo, só o conhecera de conferências nas associações e do seu verbo palavroso incitar à revolta. Mas todos eram concordes em que era homem de bem e inteligente.

Logo de manhã em casa do Algarvio começava a faina. O pai, envergada a blusa, sobraçado o saquitel, saía para o Arsenal.

A mais velha, a Delmira, rapariga dos seus 17 anos, trabalhava perto, numa fábrica de sacos de papel, onde ganhava seis vintêns, e a mãe, essa ia até ao lavadouro próximo dar conta dum carregamento de roupa para lavar ou ia engomar todo o santo dia. Era pois aquilo uma casa de trabalho.

Ali viveu doze dias Cláudio, comendo e bebendo as sopas do casal, quando um caso

inusitado veio perturbar a vida tranqüila da família. E foi o caso que o Algarvio, bom homem mas génio assomado, um belo dia abriu a cabeça com um sarrafo ao mestre da oficina. Pelo regulamento militar da casa era coisa para conselho de guerra e condenação como se fôsse morte de paisano. E não lhe convindo tal, com algumas libras e uma trouxa de roupa o Algarvio fugiu para Espanha, donde num navio se fêz de vela para a América. A última carta dava-o já na Califórnia, onde tinha um grande amigo que, como êle, fôra operário. E Cláudio ficou uns tempos a comer o que, com sacrifício e custo, Maria Antónia e Delmira ganhavam. Veio para casa a Elisa e agora, dito à vizinhança que era irmão de Joaquim, lá iam vivendo todos até que Cláudio pôde retomar a sua vida habitual. E não tardaram três dias que novamente não voltasse ao pátio a dizer a Maria Antónia, a quem agora

tratava por cunhada, se lhe não conviria alugar um quarto e fazer-lhe a comida, que êle pagava o que fôsse.

Ela acedeu, que isso ia desoprimir-lhe um pouco a gorja afogada pela súbita abalada de Joaquim.

Era Maria Antónia uma mulheraça bem parecida, mais simpática do que bonita, e desenxovalhada: mulher de trabalho sem farfalhices de madama a quem a labuta não metia mêdo. A ela saía a Delmira, que era uma mocetona senhora do seu nariz, tafula mas séria, que pensava em casar bem e não iria aceitar para marido qualquer badameco. Já a Elisa, que tinha menos três anos, nada se parecia com ela. Era dengosa. Posava atitudes e para a idade tinha assomos de mulher sabida que lhe não iam bem.

— Mas a quem sais tu assim? perguntava-lhe às vezes a mãe. Mas nada. Era delgaducha, franzina e olheirenta. Muito

mais, incomparàvelmente a mais viciosa do rebanho.

Cláudio comia e dormia só, não fazia longas paragens em casa, até que um dia adoeceu. Maria Antónia instalou-se-lhe à cabeceira e tratou-o com o carinho com que trataria o marido. «O lume ao pé da estôpa...» e foi então que Cláudio olhou bem a mulher do Algarvio. Como àquilo fôsse não se sabe. O caso é que parece que o peito de Maria Antónia se avulcoou por Cláudio de tão desbragada maneira, que Delmira lhe deu lições de honestidade, dizendo-lhe que se ela não tivesse juízo tudo mandaria dizer ao pai. — «E a mãe sabe bem que êle não é para tretas. Vai tudo aí por pó de gato!...»

Mas qual! O desafôro açamou-se mas não parou. E agora mãe e filha odiavam-se surdamente.

IV

CLÁUDIO voltara de novo à vida associativa. Ninguêm sabia bem o que o chamava ali, que êle não era operário, nem a causa de tamanho interêsse pelos operários. Mas êle apresentava-se como defensor dos oprimidos, como revoltado, como verberante de tôdas as iniqüidades sociais e com tais palavras de passe conseguiu ser considerado e até indispensável. As multidões gostam sempre dos charlatães. Adoram o brilho tanto quanto odeiam a profundeza. Assim Cláudio foi ídolo. Falava-se vagamente em que êle queria ser deputado

para ir ao parlamento dizer da justiça dos humildes. Mas tudo isso era vago. O positivo é que a sua popularidade era grande e que êle dispunha de fôrça como nenhum para o que quisesse. Havia aos pés dêste homem centenas de criaturas transloucas, capazes de todos os sacrifícios.

Êle, porêm, contentava-se em ser uma espécie de dono do operariado, em ter na mão as associações. Isto tudo se sabia no Govêrno e uma bela noite quando êle saía da rua do Bemformoso onde tinha ido galvanizar a turba, dizendo-lhe da Miséria do operário, o que êle era e o que poderia ser, abordou-o um cavalheiro de aspecto grave que o convidou a acompanhá-lo — «da parte do sr. Governador Civil». A voz do cavalheiro era metálicamente melíflua. Tinha o tom duma ordem e o aspecto duma petição.

Foi de se esquivar o primeiro assômo de

Cláudio. E ia a recusar com brutalidade quando seus olhos encontraram mais quatro olhos que esperavam a resposta. Compreendeu. Foi. E acompanhado pelo mesmo sujeito, sempre atencioso e delicado, Cláudio deu entrada no Govêrno Civil. Passou por entre guardas que cumprimentavam o seu companheiro e subiu a escadaria. Aí levaram-no para uma sala de espera onde aguardou o seu destino. Qual seria? pensava. Iria certamente dali para alguma esquadra incomunicável. Ah! Não tinha dúvidas sôbre a sua sorte. Clemência não poderia esperar. O Govêrno não o podia ver porque êle o hostilizava, e sabia que era sua a alma de tôda a revolta. Não o podiam condenar? Sentia-se pouco tranqüilo. Lembrava-se da propaganda anti-militarista, das brochuras que espalhava, das suas idéas bravias que tornavam cada vez mais incompatíveis o Trabalho com o Capital, o mestre com o obreiro, o pobre com o

rico. E estava agora ali estúpidamente caído na bôca do lôbo! Era ignóbil!

Algum tempo mais passou e uma porta ao fundo deu passagem ao mesmo homemzinho que o convidara e que, afável, lhe veio dizer que o Sr. Governador Civil se não demoraria em recebê-lo. E emquanto dava mais luz à electricidade ensaiava um ar de conversa a que Cláudio respondia monossilábicamente, embrenhado em cogitações profundas.

Não tardou muito que Cláudio se encontrasse numa outra sala, confortávelmente alcatifada e decorada. Era um pequeno ninho de bem-estar. Ao meio uma grande secretária coberta de processos e papéis. Dois aparelhos telefónicos scintilavam metalizados brilhos à luz do globo verde do candieiro eléctrico. Campainhas pendiam do braço do *fauteuil* estofado. Um fogão eléctrico dava uma claridade rubra com as lâmpadas scentelhando

no zincado fundo; livros, papéis, tinteiros e um cinzeiro rico onde agora um charuto caro descansava, elevando para o espaço, em fio, o fumo que arabescava figuras de Tanagra e com volúpia ondulava, espiralava e morria com doçura.

Preguiceiras, consolos, plintos com estatuetas, um vaso com plantas decorais e à direita um contador de pau santo onde o oiro dos metais tinha uma gravidade litúrgica. Por detrás de tudo, sentado à secretária um homem escrevia. Era mais velho do que novo, vigoroso ainda e com uma farinha de velhice salpimentando-lhe a barba e o cabelo. Cláudio achou-se só no meio do aposento emquanto o velho que trabalhava depunha a pena e se levantava para o receber:

— «Ora eu precisava urgentemente de lhe falar. Tomei pois a liberdade de lhe mandar pedir para vir aqui e não sabe quanto lhe estou grato por ter vindo...»

Tendo estendido a mão a Cláudio o homemzinho rodeou novamente a secretária para ir buscar o charuto que se aborrecia fumando-se. Voltou e convidou Cláudio a sentar-se e depois de lhe ter dito que admirava muito a sua robusta organização de trabalhador, de lhe dizer que lera e apreciara as ousadas afirmações dos seus discursos, disse a Cláudio que era uma pena que um homem de tantas faculdades se esterilizasse em cruzadas impossíveis. Mandara-o chamar até para lhe propor um grande serviço à causa que êle defendia. Sim, que êle Governador Civil, tendo pelo seu lado a Lei e a Fôrça, era tanto ou mais revolucionário do que êle Cláudio. Êle via bem como as injustiças sociais avolumavam e tinha inteirinho ali, sôbre a secretária, o último trabalho de Kropotkine, junto com a recente brochura de Gustavo Le Bon. Êle também estudava, êle também sentia. E não julgasse Cláudio que era de há

pouco a sua iniciação. Já em Coimbra, ainda nos bancos escolares, êle tinha aquelas idéas e publicava artigos. Depois viera a vida com o cortejo de suas dolorosas contingências e êle fôra o que tinha que ser: não abdicara duma só das suas aspirações. Mas... (e oferecia um charuto a Cláudio. Cláudio recusava. Vamos, então... Olhe que veem expressamente da Baía. É oferta dum amigo de infância. São deliciosos).

— «Mas... o meu amigo está a gastar o melhor da sua vida e da sua energia estèrilmente. Ora eu lembrei-me de si porque tenho um projecto de melhorar a situação das classes trabalhadoras, de cooperativas, de habitações baratas e higiénicas. O Govêrno mesmo pensa nisto. Quere auxiliar-nos? Pois olhe que eu conto com a sua esclarecida inteligência, com o seu conhecimento do *métier*, com todo o seu melhor esfôrço...»

Cláudio estava estarrecido. Achava deveras simpático o Governador Civil e via muito bem o que êle queria. Ah! Êle não era tolo. Aquele homem afável queria comprá-lo. Chegava pois a ocasião, a sonhada ocasião de se vender, de subir, de ser alguêm. Sempre fôra ambicioso, e se recorrera aos operários é porque sabia que êles eram o grande rebanho de que se faz o que se quere. Como êle se ria. Não. Decididamente o futuro pertencia-lhe. E como *Nantas,* o *Nantas,* de Zola, quando saísse poderia dizer estendendo o braço para a cidade: «Agora és minha!»

A conversa demorou ora meliflua, ora fremente de sacudidelas de voz, e quando Cláudio saíu tinha aceitado outro charuto e fôra acompanhado até à porta pelo sr. Governador Civil que o tratava já por «meu caro amigo». Contava com êle, dissera ao acompanhá-lo, na próxima quinta-feira às cinco.

«Tomará chá comigo!» De novo apareceu o homem que o trouxera, mas solícito como nunca, amável como nunca e com familiaridades de serviçal que intenta captar o dono.

Era uma da madrugada. Cláudio subiu a gola do sobretudo, o seu pobre e verde-negro sobretudo de golinha de veludo, e ao ar fresco da noite aspirou com delícia as primeiras fumaças do seu charuto, o charuto caro, homenagem da Ordem, tributo insignificante à sua obra de revolta e demolição.

V

Foi por êste tempo que a vida de Silvino levou volta. Vindo uma noite do Coliseu entrou com Julião, outro camarada do jornal, a petiscar qualquer coisa no *Magina*. E devorava a sua quarta isca «com elas», e a competente conserva para aperitivo, quando no cubículo-gabinete entrou uma figurinha de mulher, cara miúdita, um casaco que a cobria tôda, um *bicho* à volta do pescoço e um chapelinho que lhe dava assim o ar duma costureirita modesta ou duma corista ou figuranta de teatro.

Pediu licença tímidamente e sentou-se à ponta do banco. E quando o criado apareceu com uma isca e um quarto de pão, mandou vir um copo de água. Partiu a isca e o pão que comeu devagar, fazendo render a ceia. Do pão que restava ensopou o gorduroso môlho, emquanto saboreadamente a pequenos sorvos bebia a água. Olhando em roda, como Silvino estivesse manducando absorvido e o camarada absorto na leitura dum jornal, apanhou as migalhas com ar distraído. E tendo-se quedado um momento puxou da ponta do lencito, onde as trazia enroladas, duas moedas, pobres trinta réis, deu-as ao criado, levantou-se, saudou de novo e partiu.

Silvino nada perdera do que se passara. Romântico como era, sonhou logo na gaiola daquele corpito grácil, a avezita duma alma debatendo-se chorosa. Aquela ceia dizia-lhe um poema inteiro de melancolia. E sob esta

impressão pagou, estendeu a mão ao camarada, que conhecedor do seu feitio não se admirou nada, e veio no encalço da criaturinha, que, atravessado o largo de S. Domingos, enfiava agora em direcção ao Mercado. Viu-a caminhar no seu passo miúdinho, parar a falar com o guarda-nocturno e sumir-se num portal cujo número fixou.

Ao outro dia foi de novo cear ao *Magina* mas a criatura não apareceu. Quem sabe, talvez nem os trinta réis da ceia tivesse aquela noite! Mas um desejo enorme de compartilhar aquela desventura que êle fabulava, ou um romântico amor a despontar, obrigou-o nessa mesma noite a abordar o guarda-nocturno sob o pretexto de lhe perguntar por uma família de Gouveia que para ali se tinha mudado há questão duns oito dias.

Era o guarda um chimpanzé alto como um álamo que sacolejava a lanterna e as cha-

ves como se lhes tivesse inesquecível ódio. E ao fim de dez minutos estavam ambos no alambique da esquina com dois dedos de alcool cada um e loquazes. E como Silvino, fôsse amável, visto que o copito era uma espécie de entranhas de Prometeu de que o vigilante era a águia, daí a um quarto de hora não havia vida que não fôsse ali rebatida e aferida, com grande cópia de cinismo e deslavadas teorias. Da pequena disse nada e naquele andar — já a êste tempo Silvino tinha mandado vir charutos de 15 réis, marca favorita do palrante, e que êste amassava entre uns dedos espantosos nas profundezas duma caixa — breve saberia Silvino tôda a vida citadina e a familiar das freguesias extra-muros.

— Mas olhe lá, quem é aquela sujeita que ontem esteve a conversar consigo e entrou para o 85?

O outro fêz o gesto parafusante de quem

saca da memória o caso e volveu que, uma miúda «sem importância».

— É corista do Fantástico. Aquilo é *fácel*. Qualquer ceia ou uma *c'roa* vai. Mas é boa pequena. Está em casa de D. Rosa, uma cavalheira que tem casa de hóspedes. Boa gente. Tudo gente séria.

Mas como a águia tivesse já surripiado ao pobre copo a última gota, lesto Silvino mandou aprontar outra roda. E cá fora, desenferrujada a língua, êle soube então a vida tôda de D. Rosa e da sua casa de hóspedes. «Uma choldra, sabe o meu amigo, concluía o avantesma pondo-lhe familiarmente a mão no ombro. — Uma choldra!»

Mas distante soaram palmas e êle despediu-se, estendeu a mão — «Boa noite, ao cavalheiro!» e afastou-se tragando a rua a grandes pernadas, sacolejando a luz e as gazuas com fúria, onde havia também já um pouco de trepidação alcoólica.

Silvino não desanimou e conheceu-a. Chamava-se Corália Gonçalves mas no teatro dera o nome de Natália e por Natália a tratavam. Era pobre. A D. Rosa dava-lhe quarto porque ela, apesar da sua humildade, era uma gata viciosa que provocava ciumeira entre os hóspedes. Mas dera-lho por quatro mil réis e se queria um pouco de chá ou uma gota de vinho, certo era isso entrar no débito por um preço arripiante.

Corália gostou do carinho com que Silvino a tratou da primeira vez, tão diferente dos outros homens que a tratavam apenas como uma cadela. Silvino, por seu turno, sonhou fazer daquela flor caída na valeta uma mulher digna. E visto que para êle a carne nada valia e nada era, pois que nas suas teorias só a alma era divina, sonhou logo ali uma alma de mulher desabrochando para o amor como o girassol contemplando o áureo astro. E já via a sua obra de coração

com uma casita pequenina e limpa, com um canário, muito amor e os mil cuidados, as moquenquices belas que o amor tem para o amor. Diógenes buscara um homem, não buscara uma alma. E uma alma era tudo. Êle encontrara a sua. E satisfeito achava Diógenes parvo.

VI

O PRIMEIRO encontro com Corália realizara-se numa dessas casas, de que a cidade está cheia, favorecedoras de encontros. E como ela fôsse arqui-moquenqueira, uma perfeita gata viciosa, Silvino, que era um tímido e por isso um vicioso, tomou-lhe cega afeição. Logo ali se combinou ela abandonar a vida desregrada que levava para se consagrar inteiramente a êle, o único homem por quem, entre as dezenas dos que com ela se tinham desabotoado, sentira amor.

No domingo seguinte Silvino subiu a escada da rua das Galinheiras, escada imunda com um sapateiro martelando tôda a semana e uma trincheira baixa que dava lugar a não se extravasar a ferramenta, os ossos e o coiro do ofício. Quando lá em cima através da cancela lhe procuraram a que ia e êle nomeou a corista, logo ela num alvorôço o veio receber. E como estivesse tomando chá na casa de jantar, visto que se almoçava, Silvino teve ocasião de conhecer quási todos os hóspedes que constituiam a zoologia daquele covil. Havia o sr. Lamas, relojoeiro, que nas horas vagas tocava em concertos e botequins; o sr. Mayer, professor de línguas; a Mariana Toque, que Silvino já conhecia, actriz de teatros secundários, mulher de estampa, que tocava o fado na perfeição; o sr. Gonçalves, piluleiro lá para os Anjos; a Adelaide, uma raparigaça bonita, corista também, mas no Avenida, que pela sua voz

cantante e pelos seus bandós fanchonos ia já fazendo rábulas, azevieira e amiga da paródia como ninguêm; a D. Rosa, matrona da casa, tipo de proxeneta; suas duas filhas, a Matilde e a Cecília, duas morenas já tragáveis e a criada, uma pigmentosa suja, engordurada e focinhuda que lhe dava de vez em quando para mostrar a careta pelo *guichet* aberto da cozinha para a casa de jantar. E até já o sr. Gonçalves um dia com uma pinguita a mais declarara que lhe parecera ver surdir do fumo dum prato de carne guisada a carranca do gigante Adamastor, a qual vinha a ser a da sr.ª Antónia, criada, que metera no *guichet* a um tempo o prato e o focinho.

Havia mais *a do Pôrto,* que só tinha quarto e comia fora. A Mariana estava com o Júlio, um tunantão de sobretudo *à la moda* e chapéu de felpa, que vivia à sua sombra; a Adelaide, essa vivia com todo o mundo e ninguêm. — «Não queria pensões, dizia. Os

homens são todos uns malandros, filha! uns ciganos! Livra!» e trejeitava de enfado.

— Mas o amor, dizia dali o concertista, então o amor?

— Ora o amor é uma cubiça... E concluia a frase, com geral assentimento de todos.

— Quem quiser gozar êste corpinho há de pagá-lo, remoque à Mariana, que lia uma carta que um moço lhe viera trazer. E como esta se levantara para ir dizer ao moço que sim, que estava entregue, tudo foi cortar-lhe na pele sem piedade.

— Mais um pr'a dar de comer ao chulo, disse a Adelaide. E o jalapeiro ia a pronunciar-se quando a Mariana entrou, risonha. E sabendo já com quem lidava, foi ainda risonha que se sentou, dizendo:

— Então, isso é que é má língua, ao que todos em unísono disseram:

— Qual!...

E foi por aqui, por esta sinfonia de abertura, que Silvino compreendeu quem era a gente entre a qual de corpo e alma viçava a *edelweiss* pura, a imaculada flor da sua ilusão.

VII

Corália contara a Silvino tôda a sua vida. A mãe vivia lá para o Rato, ricamente amigada e estava-se marimbando para ela. O pai, que tinha pai vivo, não podendo aturar a mãe, tinha-se separado ainda ela era criança. E vivia também amigado aí para o Conde Barão, rua da Silva ou dos Mastros. Era empregado dos correios.

Silvino, no firme propósito em que estava de fazer de Corália a *Malvaloca* dos Quinteros, expôs-lhe a sua vida. E concluiu dizendo que ela poderia muito bem procurar

a mãe ou o pai, ser honesta e tirar-se daquele tremedal, onde a dor seria eterna.

Ela não queria nada com a mãe. Não sairia, não respiraria!

— Pois vive com teu pai.

— Eu dou-te um tanto, o que êle exigir. Tu comes, dormes lá e ajudas, trabalhas...

Que sim, que estava bem, mas o ponto era procurar o pai. Silvino foi porque se lhe escrevesse. E uma noite, depois de ter considerado que no coração daquele homem não existiria de-certo nenhum seixo, rascunhou a carta, um longo documento romântico em que o pobre ingénuo dizia:

«O senhor tem uma filha... Ferido no seu brio e no seu amor por desgostos domésticos, o senhor que era talvez bom, empederniu-se e tornou-se egoísta. No seu lar não havia flores porque a felicidade morrera. Pai para um lado, mãe para o outro, justo é

que a filha fôsse também duramente apalpada pela sorte.

«O senhor egoismou-se e vivendo para a sua Dor como um animal na sua toca, não pensou que era um homem com braços para que sua filha na dura travessia da vida se apoiasse.

«Não pensou. E assim ela teve amantes, muitos amantes. Homens que a quiseram um momento, a gozaram, mas que nada tinham dentro do peito. Pouco a pouco ela, que era talvez uma criatura feita para amar um homem digno e confortar a velhice de seu pai com mil encantadoras feminilidades, foi, caindo aqui, levantando-se acolá, parar a uma casa de hóspedes e às mãos de homens que a difamam quando lhe não batem.

«Depois não sei se o senhor pensou um pouco no que é a vida numa casa de hóspedes. Nem carinho nem caldo. É tudo mer-

cenário. Se tiver uma cólica terá a surprêsa de a ver incluída na conta do mês. As coisas mais simples, pagam-se. E talvez para criaturas sentimentais, a casa de hóspedes seja a antecâmara do hospital e da cadeia.

« Há dias, em que, no meio do seu estouvamento, a sua alegria é forrada de lágrimas.

« De mais ela é mulher sòzinha e fraca. Pois não diz o poeta, da mulher:

« quando cai;
A água é limpa na fonte
Quem a suja é quem lá vai...»

« Ora sem o braço dum pai, sem o coração dum amante que queria o senhor?! Na sua alma há por vezes uma nêsga de sonho: um lar, um amor, comida sã, um livro para ler, uma jarra com flores. Mas vem um golfão de lama que a cerca e o sonho esfarrapa-se, dilacera-se e cai por terra. Então, olhando em roda, o que vê? vê-se sòzinha,

sem afeições, rodeada de homens que lhe querem a carne como lôbos; e o amanhã muito negro, muito cruel. ¿O senhor pensou já no amanhã da sua Coralita? ¿O senhor não a vê a ela, último elo da cadeia do seu passado amargurado? Que o senhor sonhou talvez em ser feliz. Não o foi. Empederniu é o caso. Pois não são, não serão nunca felizes as criaturas assim».

E a carta concluia por pedir ao pai que a tomasse para casa. Êle, Silvino, ajudaria na comida e breve Corália teria um emprêgo, um meio digno de ganhar o pão do seu dia.

Debalde o garôto do jornal correu Seca e Meca à procura do sr. Mota, que assim se chamava o pai. Como um fantasma mudara de casa e não davam conta dele na repartição.

Silvino desistiu. E a carta que ela achara *muito bonita* perdeu-se depois na mala da

roupa que, como penhor duma dívida fantástica, ficou em casa de D. Rosa.

Duas vezes Silvino demandou a casa da mãe de Corália para lhe falar, para a convencer a dar à filha um braço salvador. Tentativas infrutíferas. A mãe de Corália, bem comida, bem bebida, bem amigada, não recebia pessoas estranhas, nem quando elas lhe fôssem falar da felicidade da filha.

A vida daí em diante foi para Silvino um tormento. Sim, que êle gostava a valer dessa criaturinha perturbante que a sua imaginação comprazia em supor muito desgraçada. E, todavia, ela era feliz na lama em que vivia. Conhecia muitos homens, tivera muitos homens. Velhos como aquele marchante de Tôrres Vedras que com ela ia jantar aos «Irmãos Unidos», e que lhe pusera casa e lhe dava de cada vez um par de meias novas, até ao dono duma fábrica de cortumes que por ela ia deixando a família. E mais, entre

os quais aparecia até um dono de talho que a malhava como em centeio verde a cada nova infidelidade que cometia.

Uma vez, nua em cima da cama, de ventre para baixo, as mãos apoiadas na cara, olhando Silvino que fumava, ela dissera:

— Sabes? Tu és o 48.

Êle intrigara. E ela então explicou-lhe que cronológicamente era aquele o lugar que lhe pertencia na sua vida impúdica.

Teve pela primeira vez nojo daquela carne. Pois seria possível? Já quarenta e oito homens a tinham gozado, a tinham pervertido. Disfarçou, mas ficou mal tôda a noite. E sem que ela visse, luz apagada, pôs-se a chorar surdamente. Não, êle não era, não poderia nunca ser feliz.

VIII

APESAR de tudo amavam-se. Silvino vivia nimbado de sonho, um sonho róseo que êle persistia em ver eterno e duradouro. E, agora, passava quási lá os dias, naquele quarto da casa de D. Rosa, onde havia percevejos e onde não se podia deixar algo que não desaparecesse. Se êle vinha tarde ela esperava-o à janela. E quando êle vinha, pequenina como era, pendurava-se-lhe ao pescoço e ceavam os dois o resto de um *stock* de conservas que Silvino carregara para casa no fim do outro mês. Se acaso era

êle o primeiro a chegar, certo era quando ela subia a correr os quatro andares e entrava ofegante, com a mão no peito, a reclamar uma cadeira, êle ao mesmo tempo que lhe desacolchetava o *bicho* e lhe puxava o prego do chapéu, lhe enumerar por entre beijos o que fizera. E a loiça alva reluzia na penumbra discreta que no aposento lançava o *abat-jour* verde de porcelana. Comiam trocando beijos e se acaso êle lhe fazia por entre dentes, a furto, a pergunta colegial de lamecha:

— Gostas de mim? volvendo-lhe um olhar babado de cio e de ternura, ela dizia-lhe também, surdamente, com os seus beiços, avançando ao encontro dos dele: — Muito!

Não demorava dois minutos que êle lhe não despregasse a blusa e não fôsse meter dois dedinhos no seio a procurar-lhe o mamilo rosado. Depois rebolavam para cima da

cama. Havia gritinhos, beijos, — filho, está quieto — e, repentinamente, êle levantava-se tonto para vir apagar a luz.

Fora havia ruídos de trens à desfilada, eléctricos campainhando, às vezes apitos, buzinas de automóveis, gritos, o estertor da cidade que boceja. Em tôda a casa a gente dormia. Tôdas as noites aquilo nascia e se apagava; tôdas as noites o peito dele se unia ao dela. Silvino julgava-se feliz e acreditava que o idílio não terminaria nunca.

Quando êle se demorava mais, ela escrevia-lhe cartas amantíssimas e dum pequenino ramo de violetas que descia a comprar juntava-lhe algumas. Era uma nova Sóror Mariana, ao que ela pensava. E tinha esperanças num futuro risonho, dizia-lhe que o amava, que se não fôsse êle, morreria. Rememorava a sua vida antes de o conhecer, enumerava os sacrifícios que êle fazia por ela

e jurava-lhe que preferia fazer o mesmo que aquela loira Alice que aparece no *atelier* do Dechalete, na *Sapho,* de Daudet, por quem êle se apaixonara, a pertencer a outro homem. E mandava-lhe beijos, muitos beijos, infinitos beijos.

Êle, por seu turno, pobre romântico impenitente, devolvia-lhe tôdas aquelas carícias, que elevava ao quadrado na sua receptividade amorosa. Uma vez que ela dormia, quando chegou, não teve sequer coragem de a acordar. E foi ela quem de manhã se fingiu zangada por aquela delicadeza que atribuia a pouco amor. Chorou até! Foi esta a primeira *étape* do aborrecimento. Êle, por seu turno, entristeceu. Ia, amimava-a, fazendo-lhe o prato, ageitando-lhe a roupa. Mas não a olhava. Durava a ruptura há dois dias quando uma noite, à ceia, a encontrou mais alegre do que o costume. E sob o guardanapo, no seu prato, encontrou dobrado

como um requerimento, um pequeno quarto de papel que dizia:

Senhor:

É esperançada na sua infinita bondade que a V. Ex.ª recorro pedindo-lhe encarecidamente que me conceda alguns momentos de felicidade.

E. R. M.

Corália.

Ao alto, a lápis, imitava-se um sêlo e dentro do sêlo um carcaz com setas dizia o reino daquele papel. Riu, riram, que a gatinha espiava, beijaram-se e fizeram as pazes. Voltaram à mesma.

Não longe, na manhã dum dia radioso e lindo, cheio de sol, um daqueles dias em que apetece ser morto, estava Silvino ainda

deitado. Corália cirandava, dobrando uma roupa que estivera a engomar na véspera, quando a Cecília, uma das garôtas da casa, bateu à porta:

— Oh menina Corália, menina Corália!

Ela foi à porta ver o que havia.

— Que estava ali um sujeito a procurar o senhor Silvino.

— Um sujeito? estranhou Silvino levantando-se um pouco do vale morno que o pêso do corpo cavara na fofeza do colchão.

— Um sujeito?

— Eu vou ver, disse Corália. E abalou para voltar a dizer que um tipo bem vestido, Cláudio parece, perguntava se êle estava. Alguma *chatice,* concluia. Mas Silvino teve um alvorôço. Cláudio? Pois que entrasse. Não, que esperasse um minuto que ia vestir-se. Mas qual?! que entrasse. Para Cláudio não havia cerimónias. Há muito já que se não viam.

Daí a meia hora estavam os três à volta da pequenina mesa do quarto saboreando um almoço *ad hoc* que Corália preparara. Bife, ovos, pão e vinho. Silvino, por seu turno, abrira uma das latinhas, das últimas, frângão com ervilhas. E Cláudio achou aquilo tudo divino.

Não tardou muito que ambos não estivessem embrenhados numa labiríntica discussão. Cláudio dizia que a vontade era tudo. Que não havia homens honestos, nem mulheres puras. Que a vida era uma luta sem par. Quem não fôsse forte seria esmagado. Não havia amor, havia negócio. A mulher gostava do homem porque êle era a árvore onde ela se encostava. Que o Amor era uma tonteria. Vês tu? Eu que falo estou ainda indemne do Amor. ¿E que vinha o Amor fazer em mim? Nada. O amor é um milhafre e o milhafre raro abate na charneca.

Tu és um sentimental. Que tens ganho com isso? Não terminaste o curso, não tens um bom emprêgo. Andas aí a servir outros que valem menos do que tu. Olha! De ti, é que se pode bem dizer que ganhas o pão com o suor do teu rosto. És uma criança grande, digo-to eu!...

Silvino objectava que não, que exactamente a beleza da Vida estava em ser forte não pela crueldade, mas pela bondade. Fazer o bem. Vê tu, como a figura do bispo, daquele bispo dos *Miseráveis,* é grande! Pela Bondade e pelo Dever! Olha como é enorme o discurso do marquez de Lantenac a bordo da canoa, quando o marujo o quere matar! Não, meu velho. Tu queres dominar. Eu quero ser feliz. Os ambiciosos nunca são felizes, e eu contento-me em ter conquistado o comer do meu dia e o amor duma mulher. Tu queres muito, és insaciável. Eu por mim dispenso bem a alavanca que levanta o

mundo, trocando-a por uns míseros vinte mil réis, com que pagar a paparoca.

E a discussão continuou deixando na mente de Cláudio a convicção profunda de que Silvino nunca seria gente. Um tolo perfeito. E êle que fôra ali para lhe propor um negócio. Mas não, assim nem nada lhe revelaria. Livra! Os honestos que se lixem...

Cláudio voltou mais vezes e começou a dizer coisas bonitas a Corália. Uma vez, até, Mariana apanhou-os a segredar, ela muito corada, êle muito teimoso. E retirara-se, dizendo: Ah!...

Cláudio era agora assíduo, o inseparável de Silvino. Silvino pagava-lhe endeusando-o sempre que êle falava em associações ou fazia conferências. É que, numa coisa, estavam sempre de acôrdo: em que pobres dos pobres, êles serão sempre os dignos de lástima e consôlo. Cláudio fazia o panegírico por cálculo, ao passo que Silvino julgava

sinceridade o que de cálculo não passava. E foi Silvino o seu melhor auxiliar. Também, verdade seja dita, Cláudio tinha uma vontade de ferro. Êle seria certamente um dos senhores do mundo.

IX

Um domingo à noite, quando Silvino, subidos os quatro andares, meteu a chave à porta, ouviu lá dentro um grande alvorôço. E logo uma das filhas da D. Rosa, a quem êle perguntou o que era, lhe disse, indicando o quarto da esquerda:

—Olhe, é a irmã *da do Pôrto* que está bêbeda!

—A Corália já veio?

—Não, senhor.

Silvino atravessou o corredor e foi para o quarto fumar. Mas como corresse tempo e a amante não viesse, foi bater à porta do

quarto da Mariana. Ninguêm lhe respondeu. Não havia luz. E preparava-se para ir passear a sua impaciência quando do quarto fronteiro se ergueu a voz da Mariana dando ordens, que um côro de gemidos secundava.

Foi então que êle, deixando a fechadura, retrocedeu até à porta do quarto, dizendo:

— Dá licença?

— Entra, entra!

E empurrando a porta encontrou Mariana de perna traçada, um dos braços amoixado sôbre as mamas emquanto o outro ia e vinha com o cigarro contumaz. E, pendendo o beiço inferior com uma fumaça, perguntou:

— Ainda não veio?

— Não. Ia-me embora quando te ouvi a voz. Bati até à porta do teu quarto.

— Ó filho: Tenho aqui estado tôda a noite. E, apontando a cama onde um vulto avolumava: — Vê lá o que nós somos! O coiro da Filomena e a Adelaide levaram

a rapariga e embebedaram-na. Tudo para lhe roubarem dez tostões que ela trazia embrulhados na ponta dum lenço e rasparam-se para a paródia. E são tão coiros que a deixaram estendida na escada. Foi o meu Júlio quando veio jantar que a trouxe.

— Quem é? volveu Silvino alheado.

— Ora! É a irmã *da do Pôrto*. Imaginà que chegou ontem e vai amanhã para o Brasil com a Companhia.

— ?...

— É corista. Há um ano que está separada do marido e tem uma petiza de dez anos.

Silvino chegou-se. Viu uma criatura deitada, com o fato num molho na barra da cama, a arfar, muito vermelha, cheia de escuma e baba e chorando sem dar acôrdo de si.

Foi ao lavatório, molhou uma toalha e lavou-lhe a bôca. Descerrou-lhe os lábios e limpou-lhe os dentes e a língua. Depois com

um frasco de sais reanimou-a. Buscou um lenço por tôda a casa e como não o encontrasse acabou por puxar por um dos seus. Envolveu-lhe a cabeça. E teve então ocasião de a contemplar. Era uma rapariga ainda bonita, cabelo farto e um pequenino buço. Cavada das privações ela não era inteiramente magra. Puxou-a para cima, compôs-lhe a roupa e tratou-a com o infinito carinho que tinha para a sua Corália.

— Ora tem esta alma de embarcar para o Brasil! dizia a Mariana.

— E o marido?

— É um malandro. Até é batoteiro. Os homens são frescos. Imagina que o tipo o que queria era ganhar com ela...

— E a garôta?

— Fica com a D. Rosa até a mãe mandar *massa* para a passagem! Que a irmã quere lá saber! O que ela quere é paródia. Olha que menina!...

— Mas o marido, sabendo que ela embarca, ainda não veio vê-la?

— Qual carapuça. Mandou-lhe pedir e êle disse que sim, que vinha. Mas vê lá se o tipo apareceu!

Emquanto Mariana comentava, Silvino, absorto no fumo do cigarro, scismava. Era assim a vida. Pobre criatura! Ontem veio do Pôrto, a terra onde a prendiam tantas recordações. Hoje embebedavam-na numa casa de hóspedes onde estava como num hospital. Amanhã iria para bordo e daí para milhares de léguas. Não voltará de-certo. Não, essa criatura, de cujos olhos mortiços desce uma torrente de lágrimas, não mais verá a pátria. Não tornará a ver a filha, talvez. ¿Pois que mais fará do que morrer êsse pobre corpo de mulher curtido de privações? E houve um homem que a levou ao altar, que lhe chamou espôsa, que lhe falou de amor, que a teve nos braços, que a cobriu de beijos e que

não está ali, não vem velar a agonia daquela alma!...

E não terá de-certo, êle que não veio até àquela hora, um beijo na hora extrema da partida?!...

Romântico, supondo ainda que o mundo era um auríeulo do coração, perguntou onde se encontraria êle, êsse marido que não chegava, que não vinha.

—Quê? Vais lá? É na rua da Prata. Mesmo por cima do botequim da esquina, sabes? Pergunta pelo sr. Silva, um tipo todo penteadinho...

Silvino abotoou o sobretudo, despediu-se e foi. Desceu a escada. Levava a alma confrangida. Tomou o caminho da rua da Prata e quando bateu à porta da batota, um indivíduo de dentro, depois de espiar ao que vinha, disse-lhe que esperasse, emquanto ia chamar o sr. Silva.

Êste apareceu com mau modo. Era um

tipo de barbeiro, de cabelo em pastinhas e malares salientes, escanhoado e bem vestido. E quando Silvino cheio de comoção expôs, julgando que êle o acompanharia, respondeu enfastiado:

— Sim, já sei. Eu já disse que lá iria, se pudesse!

Desceu desolado e foi deitar-se. Doía-lhe a cabeça. Parece que o outro não foi, porque no dia seguinte soube que ela embarcara sem o ter visto. Também não viu mais a filha, porque uma carta do Rio, vinda daí a meses, dizia que a pobrezita entregara à vala estranha o corpito ainda galante e não tivera mão amiga a fechar-lhe os olhos e a fazer-lhe a trança, aquele cabelo em que Silvino atara o lenço e aqueles olhos donde manavam torrentes de lágrimas...

X

SILVINO era um pouco indispensável. Mas sendo êle um pobre diabo, prestável, duma bondade ilimitada, certa era a troça encapotada de todos da casa chamando-lhe pato e sugando-lhe favores, desde o perdão duma décima até aos bilhetes de teatro de que êle não era avaro.

Uma vez encontrou na rua um gato torcendo-se com dores. Havia caído dum quarto andar e, para não desmentir o ditado de possuirem os gatos sete fôlegos, o bichano só quebrara uma perna. Levou-o para

casa e curou-o. Era um gatorro amarelo, mazelento, de focinho inquisitorial e intonso e de porte meditabundo um pouco filósofo. Um Vautrin dos gatos, quem sabe lá. Pois ficara amigo de Silvino apenas se apanhou bom e não mais saíra de casa.

Ninguêm calcula como esta acção trivial abriu a comporta da hostilidade alegre e que uivos hílares, que pinchos de graçola caíram sôbre a sua alma compassiva. Era tolo de todo um tal pateta. Trazer um gato!... E só teve por amigo o pobre felino, que se lambia e estiraçava ao sol.

Um dia, quando todos os hóspedes já tinham saído da sala, entrou Silvino para almoçar. E deu com a Adelaide sentada numa cadeira, pensativa.

— Sabe? Fui ontem ao médico.

— Sim?! E então?

— Tenho um peito a encaroçar e doi-me. Não foi senão duma cotovelada do Raul,

aquele rapaz com quem eu estive. Foi sem querer...

—Se quiser eu vejo.

—Qual! Para a Corália me largar fogo...

—Qual história! Ela pode ver também. Peitos tenho eu visto muitos.

—Bem sei, mas não quero.

E Silvino, engulido o bocado, que as filhas da D. Rosa muito mondongas lhe iam trazendo, abalou.

Já a lembrança de tal se lhe apagara, quando algumas semanas depois ao sair a porta voltou a encontrar a pobre, mas abatida, desfigurada, com aquele amarelo palha que tão bem caracteriza o facies das cancerosas. A sua beleza era agora uma imagem do que fôra. Ofegava.

Êle inquiriu:

—Então? Como vai isso?

—Ah! Deixe-me cá. Mal. Estou aqui estou morta!

Silvino estacou e disse: — Vou ajudá-la a subir e vamos a ver isso. Começou a ascensão penosa daqueles degraus de martírio, escuros, sujos, onde o ar faltava e a imundície era às pás.

Quando ela se sentou e desapertado o corpete lhe mostrou o seio, Silvino viu logo, no mamilo retraído e na úlcera em formação, o *cancer*, o cancro destruidor que apodrece a carne e vai tragando a vida.

?...

Tinha ido primeiro à botica e agora mesmo voltava do hospital. O médico da botica — consultas grátis aos pobres — que pusesse uma pomada; o do hospital, cara de poucos amigos, falava com outro e, compondo-lhe a roupa, não lhe dera nada, mandando-a lá voltar.

E emquanto lhe via o seio, Silvino considerava na pobre criatura, a leoa na mesa de jantar, que enardecia a cabeça aos homens e

era a rainha pompeante. Tinha então orgulho da sua juba, do seu colo claro, das suas unhas polidas. Usava tacões à Rigolboche, sem o saber, e a láctea brancura do colo era uma evocação da princesa de Lamballe.

— É horrível, pois não é? Morro, verá!

— Mas que dissera o médico? Não lhe perguntou?

— Que não era nada. Que se iria embora com as pomadas.

Silvino voltava a sonhar. A morte estava ali defronte dele a sugar, a comer. E ela não sabia que tinha a morte dentro de si. A pobre tinha esperança, e apegava-se às palavras do homem que cura. Sim, sim, viver... Mas todos os dias a invasão subiria. Aquela maré cheia de podridão ameaçava devorar a beleza. Amputavam-lhe a mama. Era de-certo o que pensava o homem do hospital. Mas valia mais morrer. Que seria ela sem um seio? Para que lhe mentiam? Eram ignóbeis os

homens! Pois se ela estava na *gare* da morte, porque lhe não diziam? Porque não lhe mostravam? E via o hospital, via aquela amante do interno na *Sœur Philomene,* de Ed. e Jules Goncourt. Via-o a êle, amputando. Via tudo aquilo. E já, amante da Verdade, se preparava para dizer á pobre todo o futuro que lhe estava reservado, desenganá-la emfim, quando ela ergueu para êle os seus belos olhos, tornados maiores pelo sofrimento, para lhe perguntar: Então?

Silvino voltou à vida. E era tão triste, tão côr de violeta aquele olhar de cão tristonho, que não teve coragem e disse:

— Isso não vale um caracol. Verá!

E como visse que os olhos da pobre se iluminavam, ficou envergonhado da mentira. Sim, êle também era igual aos outros. Êle também aquecia, também êle elevava a Ilusão.

E andou mal consigo próprio muito

tempo. Cobria-o de vergonha aquele olhar suplicante que o perseguia implorando dos seus lábios a Verdade, a Verdade que êle não tivera afinal coragem de mostrar...

XI

Na intensidade do seu amor por Corália, não reparara Silvino que desde que Cláudio dera em visitar a casa de D. Rosa, Corália era muito outra para êle. E se por acaso êle ia para ressuscitar as brincadeiras amorosas de outros tempos, um beijo na nuca, se a encontrava curvada, o demorado beijo na bôca sorvendo o hálito, para que depois a visse dar um grande ah de libertação moquenqueira, os longos prefácios sensuais ao sono, todo êsse mundo se diluíra. Agora havia um enfado que não se

sabia donde viera e por vezes já êle lhe vira um grande clarão de rancor a fuzilar nos olhos.

Como não usava mal, mal não cuidava. Era o mesmo acrisolado amoroso, que não muda, que não ouve, nem vê nada que o seu amor não seja. E era agora êle quem a esperava à janela longas horas, consumindo cigarros sôbre cigarros, sentindo-se emmagrecer.

Foi uma noite em que Silvino veio mais cedo, ainda ela devia estar em casa, quando encontrou sôbre a mesa um bilhete garatujado à pressa: «Filho: Vou à rua de S. Bento à cabeleireira e depois a casa do maestro. Não esperes, porque virei muito tarde».

Silvino ficou um momento a olhar o papel estupidificado. Estava de folga no jornal, tinha portanto uma noite inteira ante si. Ela sabia-o. E não era estúpido passar assim uma noite?! Davam 7 horas, começavam a

acender as luzes. Fechou a janela e a porta e quando passou no corredor, aquele escuro corredor atravancado de malas, com passagens onde sem piloto ninguêm estranho se aventurava, não resistiu a bater à porta da Mariana que tinha luz.

Respondeu-lhe a sua voz forte que esperasse. E, passado um minuto, ela veio abrir, em espartilho e pernas à mostra.

— Entra. Estava a vestir-me.

E emquanto fumava, descansando o cigarro na pedra do toucador, ia-se vendo ao espelho e concertando as ancas que saíam numa exuberância plástica de carne apetitosa. Perguntava-lhe o que havia:

— A Corália foi a S. Bento, à cabeleireira, e vê lá tu, sabendo que eu estou de folga e que não tem teatro senão no sábado, hoje é que se lembrou de sair!...

A Mariana olhou para êle irónica.

— Ah, foi a S. Bento? à cabeleireira? Êle

sempre há cada uma! E tu comeste? Sempre és muito tanso. Ela foi mas é trabalhar-se com o teu amigo. Há coisas que eu não posso ver. Sabes que mais? Ela é uma cabra, e tu, sabes o que tu és? um palerma! Andas assim... e punha os dedos fechando as pálpebras. É uma cabra e o teu amigo também é um bom...

Silvino ficou estupefacto. Começou a suar e as pernas vergaram-se-lhe como arbustos débeis à ventania. Tirou o chapéu e sentou-se à beira da cama. Olhava-a de tal maneira que ela julgou que lhe ia dar algum ataque ou que tinha endoidecido.

Podia lá ser! podia lá ser! Secou-se-lhe a garganta, a língua engrossara-lhe de repente, as fontes latejavam-lhe em turbilhão, uma ronda de diabos farandolava à sua volta. Na retina, os móveis perdiam o contôrno e a figura de Mariana era agora do tamanho do prédio e horrível. Duas grossas lágrimas,

fervendo, vieram rolar nas faces. Depois ficou atordoado, um trapo, inconsciente.

Mariana estava admirada e arrependida. Pois quê, êle ainda não sabia? Ela supunha lá! Oferecia-lhe água e desculpava-se.

—Ó filho, eu sabia lá que isso te afligia?!

Êle levantara-se.

—Isso não pode ser. É uma infâmia. Preparava-se para sair. A Mariana, que acabava de se vestir, dizia-lhe:

—Espera que eu vou também para baixo...

Não, êle queria ir só, êle ia antes para o quarto. E foi, atravessado de novo o corredor, aos bordos, tropeçando em tôdas as arcas, aos pontapés à lata de todos os baús. Houve um momento em que parou para se lembrar onde estava. Voltou ao quarto, acendeu a vela. A cabeça estalava-lhe. Febrilmente foi às gavêtas e começou a apartar tudo que lhe pertencia. Fêz um embrulho

grande. E foi quando mexia nas camisas dela, quando sobrepunha roupa, que êle sentiu entre a renda, como se estivesse entre o peito e a camisa, um papel. Passou. Mas o diabo mau que costuma ser o anjo da guarda dalgumas criaturas segredou-lhe que visse, que visse sempre o que era. Silvino ainda resistiu, não ligando importância. Mas... mas os seus dedos procuraram o papel. Eram duas cartas de Cláudio. Na primeira falava-lhe de amor, na segunda, oh, na segunda! dizia-lhe quando tornariam àquele perfumado e tépido ninho de amor das Portas de Santo Antão. E seguiam-se ternuras, frases lascivas, nojências que não permitiam dúvidas sôbre a natureza das relações que Corália com êle mantinha. Ficou absorto. Não, não era contra êle que se revoltava. Êle era um canalha igual a todos os canalhas. Mas Corália, a flor do sonho que apanhara da rua, que vestira e calçara com sacrifícios sem nome, ela que

tivera a porta aberta para quantos homens subissem da viela, ela era aquilo, Santo Deus!? E sôbre a cama pôs-se a chorar, empapando a lã da almofada. Soluçava. A pouco e pouco um bom Deus amerceou-se dele e fêz com que o sono o tocasse com a sua vara bemdita. Por fim adormeceu de bruços com a face sôbre a lã fria das lágrimas choradas.

Acordou duas horas depois. A vela ia já no fim. No quarto restava a desordem da separação e sôbre a roupa na gavêta ainda estavam as cartas esquecidas. Levantou-se cambaleando. Ih, Senhor! Como a cabeça lhe doia! Tinha febre, a bôca sêca, pegajosa. Foi ainda abstracto que deitou mão da garrafa da água e a esvasiou dum trago. Procurou tinteiro e pena, buscou papel e, à luz da vela quási consumida, escreveu-lhe uma carta sentida, comovente. Recordava-lhe todos os

seus dias felizes, tôdas as ternuras, todos os carinhos. Perguntava-lhe porque não tinha ela sido franca. ¿Que necessidade tivera de o enganar tão vilmente? Acabava de escrever quando ela entrou. — Ah! estás aí? Eu ainda saio. Naturalmente não passo a noite cá, porque... e ia de-certo para rezar o rosário de mentiras quando êle lhe deu a carta e disse:

— Vou-me embora, sabes? E não volto.

Ela não teve um gesto senão o de como ia ser aquilo? Quem pagaria a casa aquele mês? Êle tranqüilizou-a. Amanhã mando-te dinheiro para te governares até ao fim do mês. E foi então que ela abriu a carta. Leu tudo o que êle tinha escrito com a alma nas mãos e atirou-a para cima da cómoda.

— São tudo mentiras. Isso não foi senão aquele coiro da Mariana. Como eu me não quis amigar com ela... Mas eu a arranjarei...

—Não foi a Mariana, não foi ninguêm. Fui eu que abri os olhos e desci à terra. E depois de eu ter visto, disse-mo ela. E mostrou-lhe as cartas.

Reapareceu nela tôda a sua fogosidade plebeia. Dum salto atirou-se ao amante para lhas arrancar. Mas já êle as tinha metido no bôlso.

—Bem. Então adeus; disse docemente ainda, agarrando no embrulho.

—Boa noite, viva, disse ela rancorosa, tirando o prego do chapéu ao espelho.

A vela mirrava-se. E quando Silvino passou, o guarda-nocturno sorriu e notou que sempre o tipo da corista lhe tinha carregado muito no *briol* aquela noite!...

XII

Silvino não deixara nunca o seu quarto alugado. Era na rua da Atalaia, num prédio pobre que tinha nas lojas um botequim onde um piano ronceiro chorava quantas músicas sentimentais se conheciam. Ás vezes um faia acompanhava em agudas e profundas os versos pesarosos de outro fadista ignorado. Os circunstantes então paravam atentos. E as camareiras aproveitavam o silêncio religioso que se estabelecera para se coçar ou passarem pelo sono apoiadas aos cotovelos.

Tinha fama aquele antro onde tôdas as

noites a gonorreia sentimental contagiava o bairro.

Após a noite trágica já tinham passado cinco dias. E nesta, como nas antecedentes, Silvino dava voltas e voltas na cama antes de conciliar o sono. Ainda lhe parecia tudo aquilo impossível. Apalpava-se para ver que não era um pesadelo. O seu melhor amigo, o seu melhor amigo! E não era já impossível mas monstruoso! ¿Pois havia assim na Vida tanto pântano nas almas? ¿Pois havia assim tanto lôdo nas consciências? ¿Pois seriam todos os homens apenas canalhas vis e tôdas as mulheres mercenárias sem alma, dos beijos e do amor?

Ah! Êle tinha sido bem desgraçado. Encontrava-se velho e não tivera mocidade. Da sua infância sabia apenas que fôra pequenito e órfão e que, sem ninguêm no mundo, de todos apanhara pontapés. O pai morrera há muito, mesentérico. Via-o na doença,

via-o na agonia. Lembrava-se ainda da madrugada da sua morte. Havia lá fora tons roxos de frio e podridão, desbragadamente sinistros. E êle num rouquejo sentara-se na cama e com a voz num grito escapo à garganta que a morte já começava a apertar, dissera: «Levantem-se que eu vou morrer!»

A mãe levantara-se e acendera duas velas de cera à imagem dum Senhor Crucificado, uma oleografia benta que só agora sabia ser de Velazquez, e rezava para que Deus lhe abreviasse a agonia, a agonia em que êle entrara, uma agonia pavorosa, sem nome. Via o entêrro com dois vizinhos e um amigo, via os maus tratos, via tudo. E recordava, triste, como a vida lhe tinha sido amarga.

Olhava agora, naquele cinema da memória, a mãe aos baldões vendendo os tarecos e empenhando a roupa, e era êle o encarregado de ir ratinhar às casas de penhores um tostão ou dois sôbre os restos da vida sem

fome que passara. Depois via a pobre em casa duma senhora que deitava cartas, como criada, mulher a dias antes. Êle servia de secretário à senhora e para lhe ler os folhetins do *Século,* pois ela, que decidia dos destinos, que lia maquiavélicos segredos e diante da qual se intimidavam as muitas e desvairadas gentes da freguesia, ela a pitonisa, calma, esfíngica, impenetrável, não sabia ler!... A mãe, morava por cima da casa da senhora, na trapeira. E via-a morta também sôbre o seu catre pobre.

Não podia dormir. Arfava. De lá de baixo vinha a toada plangente dum fado:

«Na mesma campa nasceram
Duas roseiras a par
Conforme o vento as movia
Iam-se as rosas beijar...»

E a voz e o piano tinham soluços, crispações, estertores. Agora chorava. Silvino

parou um pouco para ouvir. Mas a mente obliterou-se-lhe e de novo com amarga intensidade voltou a fixar-se-lhe na retina a imagem da mãe estendida sôbre a cama. Também fôra bem infeliz. A pobre tuberculosa morrera de fome. E quando recolhera à cama, na última, cheia de febres e suores, já era mais da cova que da cama. Antes que a devorasse o gusano da podridão êle via o frontal da pobrezita coberto de milhares de parasitas fugidos de tôdas as regiões da cabeça que o frio da Morte gelara. E via-se a limpar-lhe a testa com um lenço molhado em vinagre que as suas lágrimas ferventes caindo em fio iam a pouco e pouco aguando.

Depois, ai depois o que fôra a sua vida! Um pouco de tudo. Criado dum senhor velho e sêco, de esqueleto revestido por uma inseparável sobrecasaca, que todos os dias o mandava receber contas que nunca lhe

pagavam, despejando ainda sôbre a sua cabecita ingénua bateladas de insultos e pragas.

Fôra depois aprendiz de marceneiro. E ainda via o mestre à hora do jantar,— que êle estava só pela manduca,— dizer-lhe: «Rapaz: Vai ali à taberna do Constâncio e vê o que há para comer». Morava o mestre em metade da loja com a mulher e seis filhos e emquanto êle ia e vinha certo era tôda a familia ter engulido o jantar, invariávelmente sopa de feijão e bacalhau ou atum com batatas. Quando êle de volta recitava tôda a lista, desde o grão com espinafres ao *puding*, a megera mulher, possuidora de dois metros de abambalhadas mamas, dava-lhe para jantar as espinhas do bacalhau com batatas ou só batatas cozidas. E tinha, regando tôda a mistela com um azeite que parecia de lubrificação, um dito que não esquecia, que não lhe esqueceria nunca:

«Olha que o azeite é a vida. Imagina que até alumia!» e quando não chupava os dedos limpava-os ao colete, sujo como um esfregão encardido.

Depois lutara, sofrera, fizera-se homem. Entrara no comércio, à noite estudava e assim, tombo daqui, tombo dacolá, cursara os liceus e entrara na Escola Médica. Mas velho, sem dinheiro, vivendo de explicações miserávelmente pagas, êle não podendo continuar os estudos enveredara para o jornalismo, onde nunca deixara de ser o mesmo trapo que fôra sempre. Ah! era bem ignóbil a profissão. No *Agitador* levara uma vida de fome. Mas tendo escrito umas coisas que o impunham, conseguira entrar no *Diário do Povo,* onde ganhava sofrívelmente e tinha uma posiçãozinha.

Mas não. Fôra estúpido lutar. Afinal sofrera para quê? Sonhara viver mais para os outros do que para si. Dedicara-se a Cláudio

e êle traíra-o. Amara Corália e ela zombara do seu amor. E porque o sono se amerceasse de tanta labutação, Silvino adormeceu. A dor começava a desbastar-lhe na carne a sua máscara predilecta.

XIII

Como Maria Antónia esquecesse cada vez mais o marido e já no pátio fôsse público e notório o escândalo e a aldravice do cunhado, Delmira escreveu ao pai e saíu de casa em campanhia dum serralheiro que ela conhecera na Sociedade, um bailarico onde se namorava e se aborrecia o bairro. O Algarvio que enviara à mulher o melhor de duzentos mil réis, nunca mais deu sinal de vida, e ela que durante um ano sustentara Cláudio, emmagrecera e tossia, levando as noites a suar, sem pregar

ôlho. A saída da filha dera-lhe abalo e a outra também não se demoraria muito a partir. O peor porêm é que esta, viciosa como era, tornou-se o escândalo do pátio, pois que tôdas as noites metia em casa um homem, com grande ingranzeu de todos, que chamavam relaxada à mãe e delambida e curta à filha. Foi tal o clamor, que Maria Antónia não teve remédio senão abalar para outro pátio, na travessa de Santa Quitéria. Aí ainda Cláudio foi umas semanas até que não voltou. Elisa continuava a mesma vida, recolhendo alta noite, descompondo a mãe, embebedando-se, e estando agora com um marujo que raro era o dia em que a não fazia caiar a cara com alvaiade. Depois o marujo acabou o tempo de serviço e veio de todo para casa. Uma noite, farto da filha, socou-a e foi dormir com a mãe, que não era já a imagem do que fôra. E assim ficou vivendo com as duas e ganhando ambas

com sacrifício a mesa farta que êle exigia e de que elas comiam os restos.

Foi depois disso, porque o marujo entrara também a malhar na mãe como na filha, que Maria Antónia peorou e teve que entrar no Hospital. Sucedeu então que a Delmira, que vivia estreitamente com o seu Alfredo, apareceu a ir visitar a pobre e a levar-lhe quartos de marmelada que forrava ao passadio de ambos. A Elisa, essa nunca visitou a mãe. — Que não tinha dinheiro para carros, dizia. Depois o Hospital é lá em casa de Deus verdadeiro. E lá é que ela está bem. Tomara ela, afirmava.

Maria Antónia, no entanto, fazia falta. A Elisa, muito desmazelada, foi quem ficou a levar tareia e a ganhar o pão. O marujo, êsse ou no café, ou a conversar com cocheiros e *chauffeurs* na praça, sempre de cigarro na bôca e bem vestido. Que ela tinha orgulho do seu homem.

Uma noite, tinham já batido as duas, recolhia a casa. Vinha ela do Conde Barão e metera às Côrtes para atalhar caminho quando começa a caminhar à sua frente um sujeito gordo, bem vestido, chapéu de côco e cachecol farto em volta do pescoço, tipo endinheirado por certo que recolhia da jogatina ou da ceiata. Como era aquele o seu ofício, apressou o passo e veio, primeiro como quem vai ao seu destino, depois como quem deseja e pretende. E logo, naquela enregelada noite, o olhinho concupiscente do cavalheiro guinou e daí a pouco estavam os dois sob a ramaria duma árvore, êle com o ar indolente de quem hesita, ela com o ar untuoso de quem convence. É que êle pedia coisas a que ela não se opunha. ¿Mas aonde haveria hospedaria aberta àquela hora? As da rua do Cais do Tojo e da rua da Silva fechavam aí pelas duas. Só se fôsse bater à porta da Ana varina, uma crapulosa que

tinha taberna ali na rua do Merca-Tudo. Um balcão, levanta-se uma cortina, cama pronta e vinho perto. Mas... mas havia ali na rua Miguel Lupi uma escada solitária onde se entrava por um corredor através um tapume...

Foram os dois. E já no escuro do patim acabava de o servir quando súbitamente as mãos dele esfriam e se enclavinham nos seus cabelos emquanto na gorja a morte passa num gargalaçar de bica que corre, e sem apoio o corpo decai sôbre ela que, amoixada, num repelão recua. Mas o morto não a larga, vai atrás dela perseguindo-a se ela se encolhe, abraçando-a se acaso se tenta erguer.

É então que, lívida, percebe que o freguês não é do número dos vivos. O patim é escuro; ela perdeu a cabeça. O sangue gela-se-lhe nas veias. Lá fora, à entrada, a luz do candieiro da esquina dança macabra-

mente agitada pelo vento. Quere fugir, evadir-se. Gritar não, santo Deus, que nem tem voz nem o poderia fazer. Sim que parece não a querer largar aquele trambôlho de corpo que oscila e que já não tem fôrças para suster. Sente rumor e contêm a respiração. Foi ilusão sua. O homem agora é enorme, muito alto, muito pesado e todos os esforços da criatura são para que êle se encoste e fique ao alto como uma tábua, encostado à parede que escorre uma humidade viscosa, que mais parece já a babujada sânie de cadáver. Quanto tempo ali esteve não saberia dizer. Sabe só que, quando ao fim dum intraduzível esfôrço conseguiu afinal que aquele corpo frio se tivesse em pé, fugiu, fugiu às carreiras, louca de terror, gelada, suando frio, mais velha, trôpega, ofegante. E nem se lembrara de roubar êsse morto que lá ficara encostado à parede desabotoado e macabro, esparrinhando luxúria

e frio. Subiu a calçada íngreme, e meteu-se na cama a tiritar. O amante não estava. No dia seguinte, acometida duma febre cerebral, deveu à complacência duma vizinha a esmola infinita de a removerem para o Hospital.

O marujo quando veio e não a encontrou desembestou em impropérios. E, sabendo onde ela estava, entrou por uma janela e trouxe de casa o que ainda lá havia aproveitável. Ninguêm mais ouviu falar dele.

Maria Antónia morreu no hospital três dias depois da filha, exactamente no dia em que chegava a Lisboa, à sonega, o Algarvio. Êste quando soube que ela tinha morrido disse que devia ter isso acontecido há mais tempo, e não deu nada para o entêrro. Foi a Delmira quem, empenhando uma capa de sair, e tirando uma subscrição, esperou o corpo da mãe no cemitério e comprou um

caixão. Depois, tendo dado cinco tostões ao coveiro, furtou à vala o corpo da pobre, e deu-lhe cova separada.

Mãe e filha descansavam agora juntas, que a Elisa devia estar por ali perto, não se sabe aonde. Fôra para a vala.

XIV

Passaram sôbre tôda essa vida coisa de seis meses. Tudo tinha mudado muito. Silvino nunca mais ouvira falar de Corália e de Cláudio a quem, causador da desgraça do Algarvio, não falava. Sabia apenas que êle estava bem e não era já o mesmo indomável leão da revolta. Vira-o uma vez de luvas, e de chapéu de côco, sobretudo moderno e bota de verniz.

Estava Silvino uma noite muito maçado, acabando de ouvir o último telefonema do Pôrto, quando o Ribeiro, o outro colega que

com êle devia estar até fechar o jornal, lhe perguntou:

— É verdade, ó Silvino, ¿então nunca mais viste a Corália?

— Não, porquê?

— Porque está agora com o Castro!

— Ah!

— Vi-os o outro dia.

— Ah!

A conversa esmoreceu. E foi Silvino quem propôs: E se fôssemos jogar?! Foram. Ribeiro perdeu nessa noite uns cobres com que Silvino, guardadas as cartas na gavêta, lembrou irem petiscar.

Do jornal para casa, de casa para o jornal ou para o serviço que lhe marcavam, tal era a vida que Silvino fazia. Tempos depois, também noite alta, o Manuel contínuo foi interromper a bisca dos dois parceiros para dizer a Silvino que estava ali uma senhora que o procurava.

— A mim? — perguntou êle com estranheza.

Marcou o jôgo e foi. Era Corália.

Disse-lhe com humildade que lhe precisava falar. Êle, que estava bem, dissesse o que queria.

Foi então que ela, humilde, lhe contou que o Castro depois de a ter comparado ao Sol, às pedrarias da Golconda, à taça do rei de Tule, ao simun do deserto, depois de ter cantado os seus olhos e o nácar da sua bôca a espancara e a pusera fora. Depois intrigara no teatro e como tinha partido, tinham-na pôsto fora também.

Sim, Silvino recordava-se. O Ribeiro até para lhe mostrar como o Castro era telhudo trouxera uns versos que êle lhe tinha feito. Fôra a Carolina bexigosa, colega de camarim, quem os pedira a Corália no original, que estava agora em poder de Silvino:

O teu olhar embriaga
Olhar macio, de sêda,
Sinistro como uma praga.
O teu olhar embriaga
O teu olhar embebeda.

Não quero vê-lo, não quero
Que o poises mais nos meus olhos
Odeio o seu reverbero
São luminosos abrolhos.
Teus olhos, não mais os quero.

Saíra de casa de D. Rosa. E até todo o fato lá ficara de penhor duma fantástica dívida que o Castro prometera pagar. Mas a paga fôra aquela. Agora não tinha casa, nem dinheiro, nem comer.

— Bem. Mas que queres tu?

Ela olhou-o espantada. E num assômo de orgulho, com duas grossas lágrimas a correrem pela cara emmagrecida, disse-lhe:

— Ver-te!

Tôda a secura de Silvino se fundira ao

vê-la chorar. Ela puxara um lenço e Silvino pôde ver nêle, pois que lho tirara das mãos para lhe limpar as lágrimas, duas manchas de sangue. Perguntou-lhe de que era aquilo. Ela explicou-lhe que tinha deitado sangue pela bôca.

Estava comovido. Não a amava já mas sentia apertar-se-lhe o coração de a ver assim. E foram dali cear, por sinal que foi o Ribeiro que estava com sorte essa noite quem lhe emprestou o dinheiro, duas batidas *coroas*.

Pelo caminho deu-lhe o braço. Sentia-a tremer de frio. Já abancados no restaurante, e depois dela ter comido com voracidade incrível, é que reparou como ela estava escangalhada. Ah! Elas não matavam, mas moíam, era certo!... Tendo bebido um cálice de vinho, repleta, deu-lhe para a ternura. Encostou a cabeça ao ombro de Silvino e pediu-lhe um beijo, com voz sumida. Silvino deu-lhe

a cara para beijar e logo ela deitando-lhe os braços à volta do pescoço, moquenqueira lhe disse que ainda o amava, que se êle soubesse como ela era sua amiga!...

Saíram.

— Agora, onde vives tu? perguntou Silvino.

— Olha, tenho ficado em casa da Luzia. Deixa-me ficar no quarto independente emquanto lhe não aparece um hóspede. É aqui perto, na rua da Vinha, anda ver. Depois, chegando-se ao ouvido, segredou-lhe: Ficas lá, queres?

— Não, não, não vou, não quero!

Ela muito agarrada, puxando-lhe o braço, insistia: — Mas anda só ver! Não te demoras nada! Que demónio: Tens vergonha de mim! Eu não te como nenhum bocado.

Foi, contrariado. Ela meteu a chave à porta e entraram. Acendeu a luz e tirou o chapéu. Depois, em voz baixa, disse-lhe que

a Luzia era boa rapariga e queria só pelo quarto três mil e quinhentos. Depois, noutro tom: — Muito me apertam os sapatos! Tirou-os com um uf de alívio.

Noutro tom ainda: — Dás-me um beijo? Começou a despir-se. Num pulo ficou em camisa, atirando a roupa num molho para as costas duma cadeira. Dentro da cama tiritando de frio e embuçada até ao pescoço, disse-lhe: — Apaga a luz e fecha as portas de dentro que é quási manhã. Deita-te aqui!

Como êle recusasse, insistiu. E que se não se quisesse deitar que se sentasse ao menos ali ao lado dela. Acedeu. E logo as suas mãos começaram ágeis cocegando-o e brincando.

Êle sentia frio na espinha. Estava quási a ceder à tentação de lhe dar um beijo, de chorar muito, agarrado a ela, peito com peito, como já fizera, quando se lembrou de tudo. Teve vergonha de si e muito digno

dando-lhe um beijo, o último, levantou-se, concertou o fato e disse-lhe: — Bem. Vou-me embora!

Saíu deixando-lhe quatrocentos e tanto que fôra tudo quanto restava dos dez tostões que o Ribeiro lhe emprestara.

No dia seguinte Silvino não foi ao jornal. Ficara na cama todo o dia, coisa freqüente nêle, e a velhota da casa por duas vezes já batera à porta perguntando-lhe se êle queria alguma coisa, um caldinho, uma chávena de café... Que não, respondera. Saíu ao lusco-fusco. Não voltou mais. Não voltou mais que os jornais do dia seguinte noticiavam o aparecimento dum cadáver mutilado na linha férrea, ao pé do terreno da feira de Alcântara. «O desventurado... o nosso colega... o retrato... ignoram-se as causas...» A uns afigurava-se que fôra um desastre, opinavam outros que fôra sui-

cídio: concluiram todos que êle tinha assim a modos aduela de menos. Sim, êle era bastante telhudo...

— Pois sim, mas não era mau rapaz! obtemperou Ribeiro, amigo dilecto do morto. E ao entêrro, que saíu da *morgue*, foi apenas o Ribeiro, um empregado da administração, a velhota do quarto e os dois condutores da carrêta. Na notícia dizia-se que imensa gente fôra e outra imensa se fizera representar. Mentira. Silvino fôra na morte o que em vida fôra. Também, valha a verdade, segundo o consenso unânime, não merecia mais.

XV

DEPOIS da conferência, aquela longínqua conferência com o Governador Civil, Cláudio voltara muitas vezes a encontrar-se com êle. Gostava daquele confôrto e sabiam-lhe deliciosamente os seus charutos. Fingira ser de difícil venda, falara freqüentes vezes em ideal, êle que não tinha outro senão o do estômago repleto, e conseguira por fim o que desejava. Agora tinha o seu lugar e o seu talher e mal sabiam os que liam a sua prosa corrosiva e ouviam a sua palavra animadora que êle era feito de

lôdo e crime. Pobres dos pobres e das suas esperanças. Ingénuos, iludidos. Êle subira, trepara, instalara-se. Sabia bem que a vida era uma só e de quem mais apanhava. Banira os escrúpulos e estava pouco para prégações. Os tolos, que são em número infinito, continuarão a ser tolos; os finórios, êsses sabem bem o que querem e zombam dos outros, quando os não espoliam. ¿Pois não disse um parlamentar que os homens se dividem em duas classes: a dos cavalos e a dos cavaleiros? Ah! êle estava farto de ser cavalo. A sua vez de montar chegara e não era tão tolo que a desprezasse. Ilusões são boas para os parvos. A vida é luta e por tôda a parte só se ouve o grito: ao assalto, ao assalto!

O que era a vida? Pois era aquilo. Vir da rua como êle viera, filho duma hortaliceira a quem um dia ameaçara, atraiçoar um amigo, atraiçoar um bemfeitor, atraiçoar um

ideal. Vender-se. Êle vendera-se. Agora sonhava um pouco os seus triunfos.

Via ainda a primeira entrevista com o Poder. Saboreava ainda o seu primeiro charuto. Depois, coisa ratona, via quando êle fôra procurar outra vez o Governador Civil, o contínuo dizer-lhe brutalmente que S. Ex.ª não recebia, ao olhar o seu fato pobre e os seus colarinhos passados a ferro, e logo ao ver a sua insistência e ao saber o seu nome pedir-lhe mil desculpas, chamar-lhe Excelência, abrir-lhe o gabinete, curvar a espinha...

Os tempos mudaram. Êle começou a receber uns dinheiros. Substituira os colarinhos moles por colarinhos engomados, já usava botas de verniz e tinha a chefia duma repartição no Govêrno Civil. Continuava a intrujar os operários, a escrever com dinamite, sabendo que estava nêles a sua fôrça. Agora, porêm, estava arranjado. Os outros

que se lixassem. Cada um arranja-se, filosofara! Tinha uma amante francesa e jantava às vezes no Tavares.

O Governador Civil levara-o ao Ministro. Êste simpatizando com o seu ar confiado ajudou-o. Entrou para o partido como auxiliar, pois que seria ultra-escandalosa a sua repentina conversão.

Ainda conservava uma pátina revolucionária e um belo dia, estava êle trabalhando no seu gabinete quando o contínuo lhe veio dizer que dois sujeitos o procuravam.

— Que dessem os seus cartões!

— Não tinham, mas diziam que o sr. Cláudio os conhecia bem. Era o José Branco e o Nunes Alves e tinham assim tipo de operários.

Cláudio recordava-se. Eram dois velhos camaradas, dois dos mais devotados propagandistas, dois iluminados, dois sinceros. Ah! Aqueles eram sinceros. Que quereriam

êles? A que viriam? Talvez felicitá-lo pela sua carreira, talvez solicitar-lhe algum favor? Mandou entrar.

Branco e Alves entraram e relancearam os olhos em volta, admirados. Pois quê? O companheiro revoltado, o indomável agitador que queria o anarquismo, a igualdade, pisava peles luxuosas e aquecia-se agora a fogões eléctricos: Bravo!

Cláudio ergueu-se e caminhou para êles de mão estendida. Ambos, porêm, conservando os chapéus entre as mãos fingiram não ver e puseram as mãos atrás das costas. Depois, serenamente, ante Cláudio côr de cidra, enfiado, principiaram.

Chamaram-lhe traidor, igual aos outros, burlão. Disseram que êle não tinha vergonha, que era um pulha e um canalha, um vendido, concluiam. — Não. Nós viemos cá únicamente dizer-te isto em nome de todos. Não contes mais connosco. Já não vamos

com parola. Quiseste a barriga cheia, encheram-ta. Deves estar satisfeito. Mas não deixas por isso de ser um homem que traiu o seu ideal...

Cláudio ainda titubeou, quis defender-se. Mas êles irónicos, com um sorriso, deitaram-lhe abaixo as salivosas desculpas. O dize tu direi eu continuou até que Cláudio vendo tudo perdido assumiu então a sua verdadeira linha.

— Sim, é verdade, e depois. Vendi-me? É porque ainda encontrei quem me comprasse. Mas ao menos agora vivo bem. Tenho mulheres, ando como quero, faço o que quero, não tenho a grilheta da fome à perna. Eu não vivo de ideas. O meu ideal é isto — e tirava da algibeira na palma da mão algumas moedas de prata — disto, disto, insistia. Se eu fôsse pateta como vocês, seria o que vocês são. Demais cada um é o que é, cada um é o que vale e eu nem tenho satis-

fações a dar-lhes nem estou disposto a aturá-los.

— Isso é o que veremos! disseram os dois, dispostos a avançar para êle. ¿Pois não te lembras de que o nosso dia há-de chegar? ¿Não te lembras que o mundo não será eternamente dos canalhas, dos vendidos como tu?...

E avançavam, quando Cláudio curvando-se um pouco premiu o botão da campainha. A porta do fundo abriu-se e um polícia apareceu. Os dois estacaram, disfarçando.

— V. Ex.ª deseja alguma coisa?

— Quero sim João, há-de arranjar-me um copo de água.

Quando a porta novamente se fechou e os dois operários recobraram a serenidade, Cláudio irónico, apontou-lhes negligentemente a porta por onde o polícia saíra, e brincando com os fusos da corrente de oiro, disse:

—A Ordem!

Quando êles sairam Cláudio tinha nos lábios um sorriso de comiseração. Pobres diabos... e sinceros. Emfim...

XVI

O SENHOR ministro tranqüilizado já com a sua consciência e com a sua digestão, visto que ao drago da revolta extirpara êle a cabeça, levou um dia a uma *soirée* do paço o agitador Cláudio. Sua Majestade, a quem aquela conversão interessara, queria vê-lo. Admirar talvez de que tecido era feito o homem terrível que fizera cabelos brancos a tôda a sua *entourage*.

Cláudio foi. As aristocratas decotadas concordaram em que êle tinha uma certa linha. Os homens veniajavam aquele ambi-

cioso que prometia ir longe. O ministro ufano passeava a sua conquista como o cornaca passeia o seu paquiderme. Sua Majestade a rainha, quando êle lhe beijou a mão, dignou-se dar o mais cativante ar da sua graça; o Senhor Rei tivera com êle uma larga palestra, oferecera-lhe até um dos seus magníficos charutos insistindo em que fumasse. E como não tivesse mais nada que lhe dar, íntimamente esbodegado de alegria, ordenara que lhe dessem a carta de conselho. Sua Eminência o Cardial Patriarca a quem também tinha sido apresentado dera-lhe o seu anel a beijar e fôra deveras afectuoso.

Cláudio foi o homem da noite e teve ocasião de saborear o seu triunfo. Como tudo aquilo era bem o que êle sonhara! Como êle ambicionava aquele meio, cheio de luzes, de scintiladas pedrarias, do ar protocolar das fardas, da elegância aristocrata das casacas, do ruge-ruge e da graça das

mulheres alabastrinas. Sim, era aquilo um dos seus sonhos, era aquilo que êle ambicionava. E agora tinha-o ali realizado, estonteante, perturbador.

Das suas revoltas não se recordava já. Os operários, os humildes, os seus ex-irmãos servos da gleba, escravos da máquina, do motor e do tear, todos os que trabalham, sofrem e suam na conquista do pão avaro e humilde, apareciam-lhe apenas como uma horda de gente suja, canalha desprezível, ralé imunda que fede a miséria e febre; que não tem lei, que não tem ordem, que não tem religião. E como eram bonitas aquelas vestes cardinalícias?! Pensava agora que a Ordem é tudo. Vagamente lembrava-se dos tempos idos, dos discursos do *Agitador*, de quando dezenas de braços galvanizados pelas suas palavras o trouxeram para os ombros dessa multidão. Sentia-se envergonhado. Como demónio se pudera êle iludir! A vida é a

Beleza e a Beleza não é nem faminta nem miserável. A vida só seria boa sem aquela canalha pobre...

Afastou-se para um recanto onde alguns politicões discutiam. Foi um acolhimento entusiástico o daqueles bons senhores que vendo nêle um sol nascente começavam já a fazer-lhe salama e a pôr a juros as boas palavras que lhe consagravam.

Sim. Êle devia pensar na política. ¿Pois era lá crível que êle amanhã não fôsse deputado, ministro, presidente do conselho? Deputado já êle era, olé. Um dos presentes ouvira ao Viana, ao chefe do partido, dizer que isso era tudo quanto havia de mais certo.

— Já v. vê! concluia o trunfo.

— Depois, amanhã na sessão do Centro já v. pode fazer o seu programa. O que são precisas é ideas. E você tem-nas. Agradar v. ao Viana já agradou. O que é preciso depois

é agradar a quem tudo manda, a Sua Majestade.

Labutando, com um marulhante mar de ambições no crânio, Cláudio retirou-se do Paço, depois de ter mais uma vez genuflectido ante o rei, e beijado o anel do Patriarca.

Estavam vingados todos os homens do trono e do altar. Max Stirner dissera um dia e Cláudio repetira que o «mundo não teria paz emquanto não fôsse enforcado o último dos reis com as tripas do último sacerdote». Mas êsse Max Stirner era de-certo algum abjecto idiota. Quanto a Cláudio não se lembrava já de ter dito semelhante monstruosidade. E se a dissera isso só se poderia desculpar estando êle com certeza louco... ou bêbedo.

A sessão do partido que se realizou no dia seguinte ficou célebre. O discurso de

Cláudio transcrito em todos os jornais conservadores com grandes elogios, citado como peça modelar de orientação e gesto tribunício deu a Cláudio um lugar primacial entre os homens do regímen. Referindo-se ao movimento de revolta que «em todo o país se esboçava, a êsse alastrante rumor de inquietação que vinha de baixo, da gente da rua», êle dissera:

— «Isto não pode, não deve ser. ¿Pois é lá possível que uma cidade, um país inteiro possa ter a sua vida perturbada por algumas joldas de assalariados malfeitores? Não, enérgicamente o declaramos. Há quem se revolte? Pois que lhe falta? A César o que é de César. A propriedade desvaloriza-se, os cambiais sobem, a vida interna do país perturba-se. De quem a culpa não sei. Mas que díscolos, se existem, sejam severamente castigados. Ao govêrno não faltam meios de repressão. Pois que no parlamento se lhe

deem poderes para deles usar largamente. Essa turba que começa a mover-se, que fala em greves, que agita, que perturba, não tem de maneira alguma o direito de inquietar quem trabalha, de tirar o sono às pessoas honradas. E fique isto assente: não é com panos quentes, nem paliativos que o sossêgo existe. Quer-se pulso de ferro e alma forte. A Ordem é a Ordem e a lei fêz-se para ser religiosamente acatada. Ai daqueles que o não fizerem. Para êsses todo o rigor será pouco. Eu, meus senhores, estou disposto a dar todo o meu esfôrço para que êste nobre país, esta saudosa pátria minha, seja modêlo e inveja de todos.»

Falou depois no que havia a fazer, deu indicações seguras sôbre várias coisas que conhecia. Disse que o operariado havia de obter o que tinha direito mas sem barafustas que o não intimidavam, nem ameaças que ninguêm temia. «O operário que trabalha

não fala em greves. Essas só podem servir a *meneurs* ambiciosos e sem escrúpulos e para êsses perturbadores a lei será inexorável. A Ordem é tudo e sem Ordem não há progresso, sem Ordem não há felicidade...»

Sentou-se. Limpou o suor.

Como de costume todos felicitaram o futuro estadista. O Viana enterneceu-se e disse que era exactamente aquilo o necessário. O órgão do partido publicou o retrato do Rei, do Viana e de Cláudio.

Já não existia *O Agitador,* mas uma fôlha socialista publicou, comparando, os dois discursos. Tratava-o desdenhosamente por vendido. E terminava com o provérbio «se queres conhecer o vilão mete-lhe a vara na mão.» O que vale, pensava Cláudio amarrotando a gazeta, é que gente limpa não sabe que tal pasquim existe!

XVII

O Conselheiro Cláudio Costa morava agora numa esplêndida casa para a rua de Buenos Ayres. Tinha dois criados e sabia do progresso todos os aperfeiçoamentos destinados a dulcificar as agruras da vida. Ia até ao supérfluo. Êle que nunca sonhara beber e comer mais do que à custa alheia tinha agora dispensa e garrafeira. Possuia uma escolhida biblioteca e até o competente *ex-libris*. Já pompeava uma venera e quando passava pelo portal de alguma igreja tirava reverente, um pouco o seu cha-

péu. Tinha uns capitaizinhos que emprestava a juro, tendo pôsto para isso um escritório na Baixa a um seu homem de confiança, um sicário testa de ferro capaz de penhorar o pai por uma dívida de trinta réis. Estava ainda com a mesma francesa, uma loiraça serpentina que em vista do bom pasto engrossara um pouco. Era ela a única afeição de Cláudio que a enchia de rendas e setins e que comprara até no Leitão um colar de pérolas para lhe dar. Discretamente não a tinha em casa, pois pensava em casar se lhe aparecesse mulher endinheirada. Isso não o eximiria de continuar com a loira viciosa que êle conhecera da freqüência de certo alcouce. Era, pois, um homem feliz, êste Cláudio que os jornais indigitavam para ministro. E que demónio, ¿não era isso a coisa mais natural do mundo?...

A canalha de quem Cláudio agora falava

com tão ostensivo desprêzo não deixara de sofrer e de lutar. Tudo na vida tinha mudado. Só a Dor permanecia imutável abrigando sob suas asas, como ave no chôco, os seus filhos dilectos, os humildes. Êsses continuavam a beber café, a pedir fiado, a morrer de fome e de vérmina. Êsses continuavam a labutar sem descanso, a olhar o patrão como um Deus, ou um carrasco, a servir a máquina, a obedecer ao apito e ao mestre.

Cláudio fôra substituido por outro na propaganda. E embora com muito menos solércia e muito menos veemência êle dizia pouco mais ou menos as mesmas coisas, prometendo, como Cláudio prometera, o dia célebre em que os pobres tivessem pão, os corpos agasalho, as almas felicidade. E emquanto êsse dia não vinha, os humildes chegavam-se mais uns para os outros como os mendigos em noites de inverno e luta-

vam. Até havia já uma certa organização, cooperativas, associações. A revolta sabia-se que ia lavrando porque se fazia dela uma intensa propaganda. Tinham-se constituido associações secretas, compravam-se armas à sucapa, ensaiavam-se explosivos. A revolta estalava por tôda a parte numa fermentescível ânsia de libertação. De cima a repressão era violenta. Havia deportações, inquéritos, sondagens, delações. Dois operários presos por ocasião da explosão dum petardo que manipulavam, desfiaram uma parte da conjura. Dizia-se que andavam o exército e a marinha metidos nisso. E uma lista de nomes cassada em casa dum revolucionário preso dissera imbecilmente muitas pessoas. O ódio alastrava, fazia maré. Esta não tardaria a subir e afogaria na sua fúria invasora todos os que insistiam em lhe pôr dique, em a castrar, em a domar!

Cláudio seria fatalmente ministro. De

mais declarara-se a crise ministerial e num ministério como aquele, de concentração, já o Viana, tinha indicado o seu nome.

Cláudio depois de jantar saira um pouco de automóvel, fazendo beatíficamente a digestão. Fôra ao Centro, a casa do Viana e recolhera cedo. Os ares andavam turvos e havia prevenção de tropas.

Chegado a casa, foi trabalhar para o seu gabinete. Era uma espaçosa sala cujo luxo ofuscava o gabinete do Governador Civil que outrora o deslumbrara. Forrado a carmezim, o mobiliário era todo em pau santo com torcidos, estilo pombalino, o que dava uma nota severa ao aposento. Plantas, quadros, flores. Estantes com livros de encadernações onde o *chagrin* e o oiro se combinavam elegantemente. Alguns bronzes, um mármore, *O Beijo,* obra bela de escultura. E sôbre a mesa, a que a sêda verde da lâmpada eléctrica dava uma luz penumbrosa,

faiscava um maciço tinteiro de prata. Era feliz, pensava.

Levantou-se, abriu a estante para tirar um livro. Arrependeu-se logo e tornou a fechá-la. Acendeu um charuto e foi até à vidraça da janela. Abriu. Era uma ampla janela dando sôbre o rio e sôbre a cidade. Noite escura e hora já entrada pela treva luziam os faróis dos barcos surtos e a fiada de luzes duma rua que morria ao longe. Os rumores da viação iam amortecendo. Ao ar frio da noite, encostado ao parapeito, Cláudio scismava. Que nova ambição teria despertado? ¿Que novo salto tentaria o seu pensamento de jaguar? O fumo do charuto evolava-se, desaparecia na escuridão onde a brasa tinha o fulgor duma pupila de fogo perscrutando o espaço. Seria o que quisesse. Mas um súbito pensamento lhe atravessou a mente: ¿Onde estaria, que seria feito dessa gente que êle conhecera, dessa gente da rua,

que fôra o primeiro degrau que pisara? ¿Que seria feito dessa multidão aspérrima e sincera cujo ofício único é o de limar a Dor dia a dia sem a gastar, sem a anular, sem a amortecer?...

A brasa scintilava, o fumo subia, Cláudio sonhava talvez, quando cortou a mudez da noite morta um tiro de canhão. Debruçou-se. Um navio em perigo, pensou. Mas os tiros seguiam, espaçados. Não eram três, eram muitos. A revolta, pensou logo. O canhão respondera ao seu apêlo? A multidão, a gente da rua que êle esquecera, estava ali.

Fechou a janela e foi debruçar-se às que davam para a rua. Gente corria. Havia fuzilaria viva lá para os lados da Estrêla. Uns retalhos de conversa falavam de revolta nos quartéis... mortos... tiros. Tomou-se de pânico e foi ao telefone. Pediu ligação para o Govêrno Civil. Não lhe responderam. Espera: êle conhecia um tenente no 16. Que

ligassem para infantaria 16. Esteve tempos infinitos ao auscultador. A fuzilaria continuava. De lá perguntaram-lhe o que queria. Se havia novidade. Que falava de casa do sr. conselheiro Cláudio Costa...

A resposta foi um—Vá... cambronesco.

Enfiado deixou o aparelho. Seria possível? ¿Seria emfim o dia dos pobres tomarem contas? Apavorado buscou um chapéu mole, pôs pelos ombros um varino, o mesmo com que outrora fugira à policia acompanhado por Silvino e que por inexplicável fatalismo conservava ainda. Deixou a casa que ficou entregue ao criado. E misturando-se com um golfão de gente armada que passava foi até aos confins da cidade. Lembrou-se de Silvino, do Algarvio, de Maria Antónia e da Elisa. Lembrou-se do pátio e das sopas magras do passado: O Remorso e o Mêdo. Tremia agora. Passou as últimas casas, sepa-

rou-se do grupo. Havia uma abaçanada, algodoenta claridade de luar. Passou terrenos incultos e pedregosos, chegou à linha férrea. Perto vinham gentes fugitivas tomadas de pavor como êle. Longe continuava o canhoneio. Ah! a multidão vingava-se. A gente da rua sempre viera. A canalha rompera o dique, a maré subia.

Dum lado e outro estendia-se o descampado. Juntou-se a um grupo que avançava. Homens, mulheres com crianças, uma horda apavorada. Ao longe estrupidavam ferragens. E um ôlho sangrento, o vulto negro dum combóio, roncando, avançou, passou, perdeu-se ao longe. A caravana imobilizou-se, ninguêm falou mais. Depois na barra do horizonte surgiu uma grande lua avermelhada, boiando num mar de sangue.

Cláudio tinha frio. Conchegou-se no capote, derrubou o chapéu. Doiam-lhe os pés. Distante subia um clarão de incêndio.

Na solidão a Natureza era indiferente. Ralos cantavam.

E Cláudio, com a horda fugitiva, pôs-se de novo a caminhar.

Lisboa.

Janeiro — Março, 1913.

FIM

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Lisboa Trágica

1 volume com o retrato do autor por ANTÓNIO CARNEIRO

O sr. Albino Forjaz de Sampaio é de há muito, profissionalmente, um dos mais scintilantes e profundos cronistas de Lisboa, no saber apanhar os aspectos e extrair a filosofia, quási sempre amarga, dos casos, dos tipos e das coisas; e pouco a pouco vem tornando-se, a par disso, um dos mais primorosos prosadores da geração actual, bem carecida deles, pois se de cada vez abunda mais quem escreva no livro e no jornal, por isso mesmo a prosa se vulgariza, a ponto que a arte de confeccionar um romance ou um artigo e a de elaborar o rol da mercearia vão na estima geral orçando, mais ou menos, pelo mesmo nível.

A dignidade das letras mantêm-na, neste crescente esbandalhamento disso como de tudo, meia dúzia de homens probos, que se condenam ainda à incompensada tarefa de ler, de estudar, de meditar as suas emoções, de castigar os seus períodos, de procurar as imagens, de descriminar os vocábulos,

de buscar a correspondência entre a idea e o termo, de imprimir ao que escrevem o rítmo literário, isto em pura perda dos lucros materiais da produção, e porventura sem mór acrescentamento de celebridade entre a massa do público, acostumado à berundanga que por via de regra lhe servem, e em que êle deliciado sopeteia.

O sr. Forjaz de Sampaio está entre essa falange reduzida, e que o está vê-se neste volume, *Lisboa Trágica*, sem dúvida uma das mais belas coisas da especialidade, que últimamente os prelos portugueses tenham dado à luz.

É uma colecção de crónicas, umas inéditas, outras originàriamente publicadas em jornais, mas nenhuma delas denunciando aquele desalinho, aquela *nonchalance*, com que em regra escrevemos para as gazetas, sob a pressão da tipografia que reclama original, e suficientemente desabusados das glórias que nos pode outorgar a pública admiração.

Ao contrário, os artigos do sr. Forjaz de Sampaio formam, no seu conjunto, uma obra, destas que marcam um nome e tomam o seu lugar numa literatura; nem vemos que de Fialho para cá se tenha feito algo de semelhante, isto sem agravo a outros cultores do género, pois é certo que nem as *Cartas de Lisboa*, do sr. Malheiro Dias, nem a *Lisboa*, do sr. Paulo Osório, por exemplo, são trabalhos próprìamente da índole dêste, que, discípulo do

autor dos *Gatos* o faz tantas vezes lembrar, sem que o sr. Forjaz de Sampaio deixe no entanto de possuir e defender vitoriosamente a sua individualidade literária, com um estilo próprio e uma pessoal maneira de sentir, de ver os factos e os homens e de comentar o que refere.

Em resumo, eis aí um escritor feito, de pujante envergadura, e merecedor de figurar na galeria dos *consagrados*, se ela não estivesse atafulhada quási só de figuras de *bric-á-brac*, talhadas em pinho da terra, ao pé das quais se amesquinharia porventura, o valor desta peça autêntica.

A edição da *Lisboa Trágica* é muito acurada.

(Do *Correio da Manhã*). *Anibal Soares.*

LPor -
F7218g

347879

Forjaz de Sampaio, Albino
Gente da rua? [Ed.3.].

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED